



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

NÁGILA KELLI PRADO SANA

**DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA AFRORURAL DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA “TIA EVA” DE CAMPO GRANDE-MS – E REFLEXO DO
CRIOULO DA GUINÉ BISSAU**

Campo Grande/MS
2014

NÁGILA KELLI PRADO SANA

**DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA AFRORURAL DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA “TIA EVA” DE CAMPO GRANDE-MS – E REFLEXO DO
CRIOULO DA GUINÉ BISSAU**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS - Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, área de concentração: Linguagem, Língua e Literatura. Linha de pesquisa: Produção do Texto Escrito e Oral.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Elza Sabino da Silva Bueno

Bolsa: CAPES

Campo Grande/MS
2014

C872c Sana, Nágila.

Título da dissertação / Nome do autor. Campo Grande: [s.n.], 2014.

105f.; 30cm

Orientadora: Elza Sabino da Silva Bueno

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade
Universitária de Campo Grande.

1. Literatura – pesquisa. 2. Crítica. 3. Autores. I. Título

CDD - 340.1

NÁGILA KELLI PRADO SANA

**DESCRIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA AFRORURAL DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA “TIA EVA” DE CAMPO GRANDE-MS – E REFLEXO DO
CRIOULO DA GUINÉ BISSAU**

Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS Unidade Universitária de Campo Grande, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras.

Área de concentração: Linguagem, língua e Literatura.
Linha de pesquisa: Produção do Texto escrito e oral.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof^a. Dra. Elza Sabino da Silva Bueno - Presidente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS - MS

Prof^a. Dra. Natalina Sierra Assêncio Costa
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS - MS

Prof^a. Dra. Rosangela Villa da Silva
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/
UFMS-Corumbá-MS

Prof^a. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros-Suplente
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 04 de julho de 2014.

**CAMPO GRANDE/MS
2014**

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pela oportunidade e privilégio de poder estudar...

À minha família, especialmente os meus pais, Celso Penzo dos Santos e Neire da Silva P.P. dos Santos, aos meus irmãos Adrielle, Pedro Henrique e ao meu noivo Higor Utinoi pelo incentivo e compreensão de minha ausência.

À professora, pesquisadora e orientadora Elza Sabino da Silva Bueno, pela dedicação e cuidado, por acreditar junto comigo na realização deste trabalho. “Não tenho palavras para agradecer, muito obrigada de todo coração”!

Aos meus informantes da comunidade tia Eva e da Guiné Bissau que concederam as entrevistas e os materiais que serviram de suporte para a elaboração deste estudo.

À CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior, pela concessão da bolsa de estudo.

Agradeço, por fim, aos professores do Programa de Mestrado em Letras e aos servidores da UEMS/Unidade Universitária de Campo Grande, pela dedicação.

EPÍGRAFE

Na kal lingu ke n na skirbi

*Na kal lingu ke n na skirbi (Em que língua escrever)
Ña diklarasons di amor? (As declarações de amor?)
Na kal lingu ke n na kanta (Em que língua cantar)
Storias ke n kontado? (As histórias que ouvi contar?)
Na kal lingu ke n na skirbi (Em que língua escrever)
Pa n konta fasañas di mindjeris (Contando os feitos das mulheres)
Ku omis di ña tchon? (E dos homens do meu chão?)
Kuma ke n na papia di no omis garandi (Como falar dos velhos)
Di no pasadas ku no kantigas? (Das passadas e cantigas?)
Pa n kontal na kriol? (Falarei em crioulo?)
Na kriol ke n na kontal! (Falarei em crioulo!)
Ma kal sinal ke n na disa (Mas que sinais deixar)
Netus di no djorson? (Aos netos deste século?) ...
Ña rekadu n na disal tambi na n fodja (Deixarei o recado num pergaminho)
N e lingu di djinti (Nesta língua lusa)
E lingu ke n ka ntindi (Que mal entendo)*

Odete Costa Semedo

Navegar é Preciso

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso".*

Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar como eu sou:

Viver não é necessário; o que é necessário é criar.

Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.

Só quero torná-la grande, ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse fogo.

Só quero torná-la de toda a humanidade; ainda que para isso tenha de a perder como minha.

Cada vez mais assim penso.

Cada vez mais ponho da essência anímica do meu sangue o propósito impessoal de engrandecer a pátria e contribuir para a evolução da humanidade.

É a forma que em mim tomou o misticismo da nossa Raça.

Fernando Pessoa

RESUMO

SANA, Nágila, Prado. **Descrição sociolinguística da fala afrorural da comunidade quilombola “tia Eva” de Campo Grande-MS – e reflexo do crioulo da Guiné Bissau**, 2014, dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letra, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2014.

O presente estudo visa retratar a diversidade linguístico-cultural afrodescendente na fala de uma comunidade quilombola, localizada na cidade de Campo Grande-MS, no sentido de contribuir com os estudos relacionados à língua e à interculturalidade, em que temos como estímulo para essa pesquisa a “Lei nº 10.639/2003 que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B que afirmam que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o papel dessa na formação da sociedade nacional. Partindo destes pressupostos, descrevemos a língua portuguesa e suas variações na comunidade quilombola “tia Eva”, tentando explicar a variação a partir de aspectos socioculturais dos falantes pesquisados. Descrevemos o mecanismo de negação na oralidade da comunidade, com o propósito de identificar o processo de formação do mecanismo da negação no português vernacular falado na referida comunidade. posteriormente comparando essa estrutura à do crioulo da Guiné Bissau, inclusive para verificar supostos vestígios das estruturas das línguas africanas no português falado no Brasil. Lembrando que o objetivo principal da pesquisa foi a descrição do mecanismo de formação das estruturas negativas presentes na fala da comunidade.

PALAVRAS-CHAVE: Português falado; Variação linguística; Variação social; Mecanismo de negação.

ABSTRACT

SANA, Nágila, Prado. **Descrição sociolinguística da fala afrorural da comunidade quilombola “tia Eva” de Campo Grande-MS – e reflexo do crioulo da Guiné Bissau,** 2014, dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letra, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, 2014.

This study aims to portray the linguistic and cultural diversity in African descendant speaks of a Quilombola community, located in the city of Campo Grande-MS, in order to contribute to studies related to language and intercultural, where we as a stimulus for this research to "Law 10.639/2003 added that the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) two articles: 26-A and 79-B claiming that teaching should focus on the study of the history of Africa and Africans, the struggle of blacks in Brazil, the Brazilian black culture and the role of the formation of the national society. Under these assumptions, we study the origins of the English language and its variations compared to the standard pattern, starting from the variant form of the language in rural quilombolas communities, making an analysis of the sociolinguistic aspect of the country and the people who make up the groups surveyed. We analyzed the mechanism of denial in orality of speakers in the community tia Eva, in order to identify and analyze the process of formation of the negative in vernacular Portuguese spoken in that community by comparing this structure to the Creole of Guinea Bissau, including supposed traces to verify structures of African languages in Portuguese spoken in Brazil.

KEYWORDS: Portuguese spoken; Linguistic variation; Social Change; Mechanism of denial.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Igreja de São Benedito fundada por tia Eva

Figura 02- Igreja de São Benedito e busto de tia Eva

Figura 03- Busto da tia Eva

Figura 04- Esposo da tia Eva

Figura05- Imagem de São Benedito

LISTA DE MAPAS

Mapa 01 – Esboço do mapa etnológico Africano no Brasil

Mapa 02- Das áreas tituladas Quilombolas no Brasil

LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Distribuição das diferentes etnias existentes no Brasil no período de 1530 a 1890

Quadro 02- Os adjetivos e a mudança do /b/ pelo /v/

Quadro 03- Os substantivos e a mudança do /b/ pelo /v/ que não ocorre

Quadro 04- Outros substantivos em que a troca do /v/ pelo /b/ são recorrentes

Quadro 05- Os verbos e a mudança do /v/ pelo /b/

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01- Da distribuição das marcas de pluralidade nas comunidades pesquisadas

Gráfico 02- Tipos de negativas e quantitativos de dados coletados do *corpus* de pesquisa

Gráfico 03- O uso das negativas por informantes que concluíram o Ensino Médio

Gráfico 04- Distribuição das negativas e a variável gênero do falante

Gráfico 05- A distribuição das negativas e a variável idade do falante

Gráfico 06- Distribuição das variáveis linguísticas no crioulo da Guiné Bissau

ABREVIATURAS

CG- Crioulo Guineense

PB- Português Brasileiro

PE- Português Europeu

PVB – Português Vernacular Brasileiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	<u>16</u>
CAPÍTULO 1 – AS ORIGENS DO PORTUGUÊS DO BRASIL	<u>19</u>
<u>1.1 Influências africanas no português do Brasil</u>	<u>20</u>
1.2 O Distanciamento da variante europeia: a negação na língua portuguesa brasileira e suas variações.....	<u>28</u>
<u>1.3 A sociolinguística e sua influência nos estudos das “africanidades”</u>	<u>30</u>
<u>CAPÍTULO 2 – APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA</u>	<u>33</u>
2.1 A identidade cultural brasileira- afrodescendente.....	<u>33</u>
2.1.2 Histórico do percurso africano no Brasil	33
2.2 A formação das comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul.....	35
2.3 A comunidade quilombola tia Eva em Campo Grande -MS.....	38
2.4 Traços dos dados selecionados	42
2.4.1 Perfil dos falantes	43
2.5 Variáveis extralinguísticas estudadas	44
2.5.1 A variável gênero do falante	44
2.5.2 A variável idade do falante	45
2.5.3 A variável escolaridade do falante	46
2.6 As variáveis linguísticas estudadas	46
2.6.1 Aspectos da negativa no Brasil.....	46
2.6.2 Mecanismos de negação no português falado na Comunidade Quilombola tia Eva.....	48
2.7 Aspectos da negativa na Guiné Bissau	49
CAPÍTULO 3 - DESCRIÇÃO DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	51
3.1 Sobre a variação linguística	51
3.2 Descrição dos resultados	53

3.2.1	Variações e mudanças nas características fonético-fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade tia Eva	53
3.2.2	Alçamento das vogais tônicas pretônicas e postônicas	54
3.2.3	Metátese	54
3.2.4	A iotização(lh>i)	55
3.2.5	Metaplasmos por subtração: a supressão do /r/	56
3.2.5.1	Contrastes na língua crioula da Guiné Bissau	58
3.2.6	A alternância do /v/ e /b/	59
3.3	Variações Morfossintáticas	64
3.3.1	Concordância Nominal e de Número	64
3.4	Os tipos de negativa	67
3.2	Apresentação do mecanismo de negação e a variável escolaridade do falante	70
3.3	Distribuição das negativas e a variável gênero do falante.....	72
3.4	Distribuição das negativas e a variável idade do falante.....	73
3.5	Contrastes Crioulo Guineense & Português Brasileiro.....	74
3.5.1	As línguas em contato	74
3.5.1.1	Crioulo definição	75
3.6	A negativa no crioulo da Guiné Bissau	76
3.6.1	Variáveis extralinguísticas - a variável etnia do falante guineense	78
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	82
	REFERÊNCIAS	84
	ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

O presente estudo insere-se na área de concentração: Linguagem, Língua e Literatura, na linha de pesquisa Produção do Texto Oral e Escrito, do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* nível de Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande - MS.

Nossa proposta de trabalho pretende verificar, analisar e explicar a influência da cultura afro-brasileira na língua e na cultura de Mato Grosso do Sul, por meio de estudos linguísticos que evidenciam aspectos que podem divergir ou assemelhar-se à língua crioula guineense. Os fenômenos linguísticos pesquisados foram encontrados na modalidade oral da língua na comunidade quilombola tia Eva, localizada na zona rural em Campo Grande-MS.

O enunciado em latim *Coincidentia Oppositorum* foi escolhido para compor o título dessa pesquisa por relacionar a expressão do sentimento nacionalista de nosso país que fora construído nos “mitos” nos quais há uma valorização da união, natureza e cultura dos povos americanos indígenas (autóctones) e os europeus na formação da nação brasileira, assim muitas vezes excluindo o elemento africano, partindo desse contexto analisamos pontos congruentes e divergentes da cultura afro-brasileira em nosso idioma uma vez que a influência afro unifica e coincide a fatores que antes eram opostos e excludentes.

Assim, Atualmente, existem registros de dezesseis comunidades quilombolas no estado de MS, que embora façam parte do contexto sócio-cultural local, durante muito tempo, a sociedade brasileira ocultou e ignorou a importância da cultura africana no português do Brasil, bem como as suas contribuições para nossa formação social. De acordo com Lima (2004, p. 85) “a raiz desse ocultamento estava no preconceito e na ignorância sobre a vida social e a história desses grupos humanos e, sobretudo, na necessidade de domínio sobre eles, com o objetivo de escravizá-los ou colonizá-los”.

A língua é parte fundamental da identidade cultural de um povo e, para o seu estudo, contamos com o estímulo da legislação, um dos nossos diferenciais ao realizar essa pesquisa que também contribuirá para as políticas educacionais de ensino.

Lei nº. 10.639/2003 que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. O primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e específica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar (MEC, 2003).

Três fatores motivaram o desenvolvimento deste estudo: (I) contexto histórico das comunidades afrodescendentes em Mato Grosso do Sul, (II) a preservação e valorização da cultura e história africana e (III) a demonstração da hibridização da cultura nacional Brasileira por intermédio da língua. Nessa perspectiva, tentamos traçar um perfil linguístico da comunidade supracitada e comparar aos dados das entrevistas colhidas no país da Guiné Bissau, para estabelecer de certa forma, um contraste do processo de criouliização e das variáveis presentes na língua brasileira, visando encontrar aspectos convergentes e divergentes nesses processos linguísticos.

Lembrando que o Brasil foi considerado o maior importador de escravos do mundo, tendo recebido 38% de todos os africanos trazidos para o Novo Mundo (HOLM, 1991, p.299) e, durante o período da escravatura, as línguas afros e o português, mantiveram um estreito contato. Assim, também ocorreu no domínio do povo Português em Guiné Bissau no surgimento do crioulo guineense, que segundo Intumbo (2004, p.5), “o surgimento de uma língua híbrida, com características formais de ambas as línguas em contato, sendo, geralmente, a língua do dominador a fonte da maioria do léxico e as línguas de substrato, fonte de algumas estruturas e interferências fonético–fonológicas”.

O português vernacular do Brasil (na concepção laboviana) é a língua falada pelos brasileiros do estrato social menos favorecido e com pouca instrução e, segundo a revista *Papia*, (1994, p.52) “..Não é uma variedade falada exclusivamente pelos brasileiros negros, seu uso tem mais a ver com a classe social e educação do que com a raça. Embora os brasileiros de origem africana estejam sobre-representados na classe mais baixa e sub-representados na classe mais alta”.

É com esse português espontâneo que pretendemos trabalhar, no sentido de detectar e analisar, na oralidade, aspectos comuns às duas línguas (o português vernáculo e o crioulo guineense), considerando que na morfossintaxe do português vernáculo, as flexões que indicam concordância em número no sintagma nominal e concordância entre sujeito e verbo tendem a simplificar-se, e de acordo com Coelho (1967, p. 431) “diversas particularidades dos

dialetos crioulos repetem-se no Brasil, tal é a tendência para a supressão das formas de plural”. O autor considera esta semelhança um fator que aproxima o português vernáculo aos crioulos de base portuguesa.

Durante a graduação tivemos a oportunidade de analisar tal fenômeno supracitado, já agora como pesquisa de Mestrado nossa pretensão é de desenvolver uma pesquisa no que se refere às formas de negação no português vernacular brasileiro falado na comunidade quilombola tia Eva, uma vez que na pesquisa anterior colhemos nossas análises na comunidade quilombola Picadinha em Dourados MS.

Já a comunidade pesquisada neste trabalho está localizada na cidade de Campo Grande Mato Grosso do Sul e sua história começa com a vida de tia Eva, uma escrava que nasceu em Mineiros Goiás e que obteve sua carta de alforria em 1888, e aos 49 anos de idade veio para o estado de Mato Grosso (atualmente Mato Grosso do Sul) e aqui construiu um lar para seus descendentes. Ela era uma espécie de “curandeira” e o que mais impressionava em sua época é que sabia ler e escrever, e isso lhe trouxe alguns benefícios na aquisição da terra, onde hoje residem mais de sessenta famílias descendentes de escravos.

A nossa proposta de pesquisa trata-se de um estudo qualitativo que visa analisar a língua nesse processo de aproximação ou distanciamento da língua crioula guineense com o português vernacular brasileiro, para isso realizamos pesquisa de campo com entrevistas orais *in loco* para colher a fala de informantes previamente selecionados na comunidade, para verificação de possíveis influências da língua crioula da Guiné Bissau, também utilizamos o material de áudio colhido no país da Guiné Bissau pela pesquisadora que morou durante um ano neste país e que podem ser comparadas às entrevistas dos falantes da comunidade tia Eva.

No primeiro capítulo traçamos um breve estudo das origens da Língua Portuguesa buscando contextualizar, historicamente, nossa pesquisa, no segundo temos, o aporte teórico metodológico da pesquisa em que relatamos os instrumentos e objetos no que se refere à coleta dos dados que fundamentam as hipóteses levantadas nessa pesquisa. No terceiro e último capítulo apresentamos os dados coletados nas entrevistas e uma análise contrastiva de aspectos fonéticos e morfossintáticos presentes no (PB), relacionando –os aos estudos das línguas crioulas de base portuguesa, especificamente, o crioulo da Guiné Bissau e suas estruturas.

Apresentam-se, por fim, as considerações finais, as referências bibliográficas usadas como suporte para o desenvolvimento da pesquisa e os anexos.

CAPÍTULO 1 – AS ORIGENS DO PORTUGUÊS DO BRASIL

A língua brasileira tomou a sua forma na interação entre: a língua do colonizador (língua de prestígio), as influências das línguas indígenas brasileiras e africanas trazidas pelo tráfico negreiro. Neste contexto, não podemos desconsiderar as línguas que migraram da Europa e da Ásia no século XIX. Dessa maneira, ao longo de quinhentos anos vem se definindo o formato brasileiro de língua portuguesa falada em todo o território brasileiro.

Nosso intuito nesse trabalho está concentrado nas influências africanas que podem ser fator determinante no estudo do Português brasileiro (PB), pois, por intermédio dessas, podemos analisar as estruturas divergentes entre este e a língua europeia.

Temos por intenção retratar o falar brasileiro, porém, para tanto, é necessário situá-lo, fazendo uma viagem às suas origens, para que possamos compreender as variações no presente, dessa maneira podemos perceber a necessidade de estudos linguísticos que visam à aproximação da língua vernacular brasileira às línguas crioulas africanas e, de modo especial, à língua portuguesa falada em Mato Grosso do Sul, nosso local de estudo, já que segundo Afrobras (2009) a população negro-parda desse estado é constituída de 41,3% distribuída nos centros urbanos e em comunidades quilombolas.

Diante da relevância de tal aspecto, Petter (2008) traz uma afirmação sobre a importância e valorização de nosso estudo, observando que a caracterização do chamado “Português brasileiro” desenvolve-se dentro de uma metodologia contrastiva, em que a identidade do português brasileiro (PB) é evidenciada em comparação com o português europeu (PE). Alguns raros estudos de sociolinguística como as pesquisas de Holm e Intumbo trazem alguns traços da semelhança da morfossintaxe do (PB) e das línguas crioulas de base portuguesa.

Sendo assim, ao analisar as variações presentes no português brasileiro, temos por objetivo aproximar ou divergir aspectos linguísticos semelhantes nos processos de criouliização das línguas dos demais países colonizados pelos falantes do português europeu, uma vez que, esses países viveram um processo semelhante de domínio territorial e linguístico.

Partindo desse contexto, não podemos negligenciar ou ocultar a influência na língua recebida pelos escravos trazidos da África, pois, por muito tempo, o elemento negro foi excluído da formação da língua e da nacionalidade brasileira. No período colonial, o falar

popular brasileiro, que se distanciava do português europeu, era visto como “errado”, fruto da ignorância e da incapacidade de pensar desses falantes.

Ribeiro (1897, p.219), em seu Dicionário gramatical traz o verbete *elemento negro* com a seguinte definição:

Por elemento negro designamos toda espécie de alterações produzidas na linguagem brasileira por influência das línguas africanas pelos escravos introduzidos no Brasil. Essas alterações não são tão superficiais como afirmam alguns estudiosos; ao contrário, são bastante profundas não só no que diz respeito ao vocabulário, mas até no sistema gramatical do idioma.

Muitos estudos realizados no Brasil retratam a influência das línguas indígenas, mas pouquíssimos pesquisadores se dedicam à linguística africana como ramo de conhecimento e, por esse motivo, há carência de material bibliográfico sobre o assunto. Entretanto, acredita-se que o estudo do contato do português com línguas e culturas africanas é de suma importância para a compreensão da formação do português brasileiro. Esse é um dos fatos que pretendemos mostrar nessa pesquisa e esperamos que nosso estudo possa contribuir e dar suporte a professores e pesquisadores interessados nos estudos de língua e cultura afro-brasileiras.

1.1 Influências africanas no português do Brasil

Ao estudar as questões históricas que envolveram a colonização do Brasil é possível perceber que não ocorreu uma difusão organizada da língua. Quando a Coroa Portuguesa percebeu o potencial dos recursos naturais brasileiros, desenvolveu uma política que visava objetivar apenas os interesses da metrópole (Portugal), dessa forma, os interesses econômicos eram priorizados, assim, ocorreu o que podemos chamar de “simples ocupação humana”, uma vez que o intuito dos colonizadores não era apenas povoar, mas sim usufruir dos frutos da terra, fato que diverge do processo colonizador do Brasil e da América Anglo-Saxônica no período das grandes navegações.

Dentre os estudos afros linguísticos podemos citar Castro (2006) que afirma que o início do tráfico negreiro no Brasil, na metade do século XVI, tornou possível o que a autora chama de “confluência de línguas” nesse caso a relação é estabelecida entre as línguas africanas e o português antigo e, posteriormente, as alterações no (PB) e a participação das línguas africanas na construção da identidade cultural e língua nacional.

Assim podemos inferir que nosso contexto histórico de formação de identidade sócio-linguística e cultural aproxima-se muito mais do processo de colonização ocorrida nos países africanos do que do processo de povoamento das colônias inglesas da América do Norte.

Essas diferenciações de intuitos na colonização seriam responsáveis pela constituição dos fatores de hibridização cultural, mescla e diversificação, já que a resistência cultural em povos explorados torna-se relevante e integra o processo histórico e infindo de constituição identitária do país.

Assim, para realização dos estudos sociolinguísticos que priorizam a revisão das origens da língua brasileira se faz necessário partir de três princípios: reconhecer, situar e analisar. Primeiramente o processo de reconhecimento das condições históricas, depois agir situando a nossa abordagem e analisando para que possamos desfazer dos preconceitos e a ativez ideológica que nos levam a tratar, de forma excludente, a influência africana.

Portanto, podemos afirmar que as raízes africanas perduraram no Brasil em uma espécie de cultura de resistência. Mattos e Silva (2004) argumenta a hipótese que define, de forma significativa, as contribuições africanas no chamado *português geral brasileiro*, e que este fora um dos percussores na atualidade do *português popular brasileiro*.

Contudo, após a chegada dos portugueses ao Brasil, o tráfico de escravos atuou como processo inerente à colonização e exploração da terra, e nos anos decorrentes o quantitativo de povos não europeus constituiu a maioria absoluta no país e podemos constatar isso por meio dos dados que constam na reprodução do quadro de Alberto Mussa (1991), a seguir.

Quadro 1 - Distribuição das diferentes etnias existentes no Brasil no período de 1538 a 1890

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branços brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte Mussa, 1991 p.163.

Ao observar dos dados do quadro 1, constatamos nos dois primeiros séculos a predominância indígena populacional, fator que vai se extinguindo no decorrer dos séculos, em que os mulatos descendentes da miscigenação tornaram-se a maioria absoluta da população brasileira. Assim sendo, nos séculos seguintes da chegada da imigração européia ao país, ocorreu a predominância da população negra e, posteriormente, dos afrodescendentes. Mais de cinco séculos se passaram e ainda estão por ser reconstruídos os processos de encontro da língua portuguesa (língua de domínio), as línguas autóctones, línguas africanas e ainda as línguas de demais imigrantes que tornaram o nosso país multilíngue como uma verdadeira babel, devido a sua complexidade territorial e linguística.

Alguns encontros e desencontros linguísticos dificultam e divergem opiniões sobre a formação do (PB), por isso, no decorrer desta pesquisa, temos o intuito de retratar a heterogeneidade sincrônica deste, partindo do pressuposto de que ao ver o presente da língua brasileira, poderemos presumir e entrever no passado histórico de sua formação.

Para isso, faz-se necessário a realização de pesquisas em comunidades predominantes negras, e que nestas ocorram amostras significativas para um estudo de criouliização, caso isso não ocorra não haverá subsídios para que possamos defender e afirmar apenas uma ideia de descriouliização ou qualquer processo semelhante, porém será possível encontrar variantes em que as marcas das línguas africanas tenham desempenhado papel essencial no decorrer de sua história.

Durante o período colonial foi estabelecido um estreito contato entre o português e as línguas africanas, assim os processos de pidginização e criouliização decorrentes desse período sempre estiveram nas discussões daqueles que se ocupam da caracterização sócio-histórica do Português do Brasil.

Devido ao período histórico e à necessidade de afirmação de uma língua própria brasileira, no início do século XX, alguns teóricos como R. Mendonça (1973) e J. Raimundo (1933) atribuíram a motivação de todas as características diferenciadoras do (PB) e (PE) às influências africanas. Entretanto, não podemos negligenciar que possa ter ocorrido a transmissão irregular, ocorrendo possíveis crioulos e semi-crioulos decorrentes do aprendizado imperfeito do português por falantes africanos.

Mattos e Silva (2004) trazem como subtítulo de seu primeiro capítulo do livro: “Ensaio para uma sócio história do português brasileiro “*A emergência de uma língua nacional: trajetória convergente,*” acreditamos que esse enunciado possa descrever, em poucas palavras, a situação da condição linguística do século XVIII, quando o português fora

definido por Marques de Pombal como língua da colônia e implementado o ensino leigo no Brasil, logo após a expulsão dos jesuítas. Essa atitude política mudou todo o cursar histórico da língua (conhecida como língua geral) que poderia ter sido a majoritária de nosso país.

Para dar início ao estudo das influências africanas no nosso idioma é necessário reconhecer a heterogeneidade da língua brasileira e as diversidades apresentadas por essa em todos os campos linguísticos. Não podemos deixar de salientar que muitos aspectos fonéticos e fonológicos das variantes regionais e sociais da língua vernacular brasileira são atribuídos a essas interferências africanas.

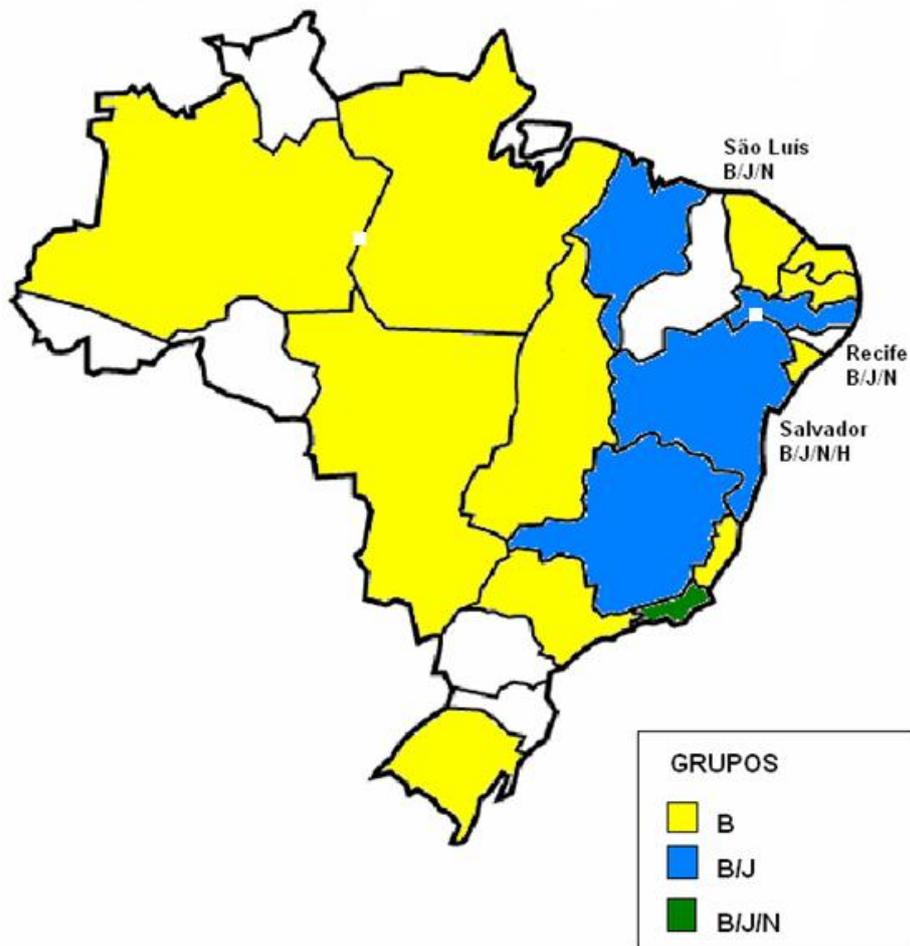
O campo lexical brasileiro foi bastante enriquecido com termos e expressões das línguas africanas e grande parte destes, podemos dizer que, estão relacionados aos cultos afro-brasileiros.

O preconceito social e racial interferiu de forma significativa na língua brasileira, mas não há como negar a importância dos africanismos na formação da nação e da língua. Alguns autores como Antônio Houaiss afirmam que: “A política sistemática seguida pelo Brasil para com os negros foi, desde o século XVI, glotocida, isto é, matadora de suas línguas”. Sendo assim, podemos perceber questões políticas que envolveram e desprestigiaram nosso objeto de estudo.

Nos aspectos históricos dessa realidade linguística, podemos inferir que a região denominada Senegâmbia, forneceu boa parte do mercado colonial no século XVI, dali os portugueses deportaram membros de vários povos, como os manjacas, balantas, bijagos, mandigas, jalofo e, a partir do século XVI-XVIII, Angola e Congo abasteceram o mercado escravocrata brasileiro.

Por intermédio de alguns estudos como o mapa etnológico africano de Castro (2003) podemos observar os possíveis grupos que se espalharam pelo Brasil: (B) banto, jeje-mina (J), nagô-iorubá (N) e hauçá (H). Vejamos esses grupos mais detalhadamente no mapa a seguir.

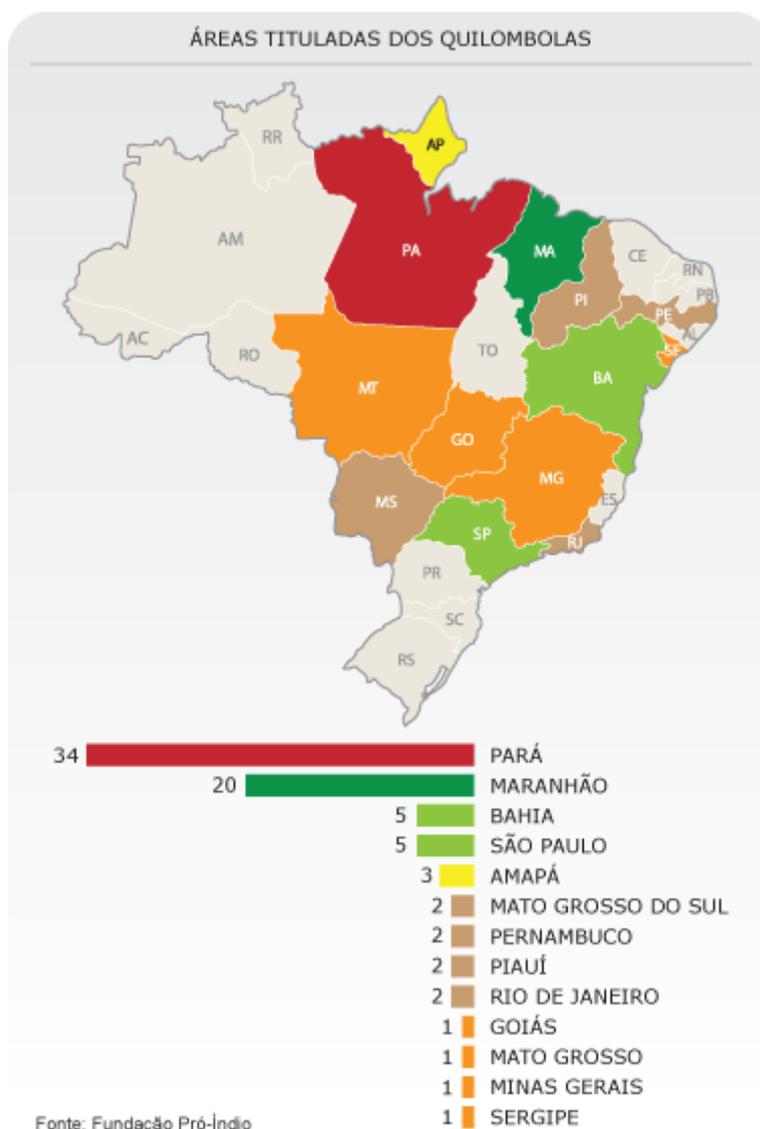
Mapa 01- Esboço do mapa etnológico africano no Brasil



Por meio dos dados constates do mapa podemos observar que o grupo banto espalhou-se pelas diferentes regiões do Brasil e os outros grupos se concentraram na região sudeste e nordeste do país, sendo assim, as contribuições e influências bantas são as que apresentam maior relevância em dimensões geográficas no país.

Ao analisar o mapa a seguir, podemos constatar as comunidades quilombolas e seu êxodo, as populações afrodescendentes no país e as regiões onde se refugiaram, formando os quilombos e a repercussão desse fator geográfico no âmbito linguístico.

Mapa 02- Das áreas tituladas dos quilombolas no Brasil



O mapa 2 demonstra que as regiões norte, nordeste, sudeste são aquelas onde podemos encontrar maior quantidade de comunidades quilombolas no país. No entanto, a nossa pesquisa se restringe ao estado de Mato Grosso do Sul, em específico à Comunidade tia Eva, localizada no município de Campo Grande MS.

Apesar da importância da colonização africana em nosso país, durante um longo período da história na sociedade brasileira, ocorreu o ocultamento da influência africana em nossa cultura e língua, e só podemos justificar tal posicionamento por intermédio da imagem de unidade e conservadorismo de alguns teóricos, que abordavam uma visão de superioridade

cultural do colonizador branco, além das limitadas concepções sobre línguas crioulas, vistas como simplificação ou deturpação do português falado no Brasil.

Com relação à influência da língua afro no contato de outras línguas até mesmo no território europeu, antes mesmo dos portugueses chegarem ao Brasil, no século XVI, já havia em Portugal um “pré crioulo” como sistema verbal para comunicação com estrangeiro que era chamado de “língua de preto”, embora seja esse o nome que se dava a esse processo de comunicação, há registros do seu uso, inclusive com os espanhóis. Esse sistema possuía um amplo leque de variantes pidginizantes havendo verbos desprovidos de flexões e pronomes acentuados.

Silva Neto (1986) traz em Introdução ao estudo da língua portuguesa, documentos fontes que asseguram o predomínio quase total da “língua geral” no Brasil, índios de diversas tribos, europeus e africanos utilizavam para se comunicar esse sistema linguístico tupi.

No que se trata aos estudos das línguas indígenas e ao português falado por estes, encontramos uma riqueza de fontes para seu estudo, mas no que se refere aos estudos do português falado por africanos ou línguas africanas faladas no Brasil, percebemos uma escassez de materiais, daí a necessidade de realização de pesquisa dessa natureza que pode auxiliar na compreensão dessas influências das línguas crioulas no português vernacular brasileiro, de modo especial na língua falada por afro-brasileiros descendentes de escravos residentes na comunidade tia Eva, em Campo Grande-MS.

Ao pesquisar sobre tais línguas gerais em questão, encontramos linguistas que, embora definam a constituição desta a partir das línguas de contato, afirmam que estas se distinguem das línguas crioulas já que não ocorre em nenhum momento interrupção destas línguas, ou seja, não ocorreu mudança de língua (*language shift*) nos descendentes mestiços dos europeus e das índias da família do tupi-guarani, fator que difere da situação linguística dos EUA onde existe o Black English que recebe o nome de AAVE – African American Vernacular English, se no Brasil pode ter existido um “português negro” essas diferenças podem não ter sido consideradas pelos linguistas nesse período.

Ao observar o quadro linguístico que surge no Brasil no século XVII, podemos dizer que se tratava de uma comunidade de falantes não nativos em processo de aquisição da língua portuguesa, esses falantes pertenciam a diversos grupos e essa situação de contato pode ter provocado tais variações no (PB) que hoje divergem do português europeu.

Scherre e Naro (2007) parecem ser contrários a essa hipótese e defendem que há diferenças do (PB) popular para o (PE) padrão, então percebemos duas perspectivas teóricas em disputa: a teoria da deriva, da qual Scherre e Naro tomam partido, e a teoria crioulista.

Para o surgimento de tais hipóteses de estudos nos dias atuais, retornamos ao contexto histórico linguístico do século XIX, em que alguns pesquisadores, impulsionados talvez por sentimentos nacionalistas e inseridos no contexto do auge da teoria, evolucionista de Darwin, acreditavam que o (PB) era evolução do (PE), assim este por sua vez seria a evolução do latim vulgar. Partindo desse pressuposto acredita-se que o processo formador da língua seria uma corrupção da língua mãe, porém essas ideias foram contestadas, uma vez que a língua não pode ser considerada um fato biológico, mas um fato social sujeito a arbitrariedades humanas e não determinadas pela natureza.

Whitney (1867) traz em sua obra algumas citações que podemos considerar como primeiros passos para os estudos sociolinguísticos da língua, ele afirma que a linguagem não é algo natural com propriedades biológicas, mas sim um fato social, e a sociedade, portanto, é soberana nas decisões de inovações da língua, em outras palavras, quem faz a língua é quem a fala, assim ocorre a eliminação da hipótese evolucionista.

Já a hipótese crioulistica defende que as diferenças do (PB) e do (PE) decorrem do contato entre as línguas indígenas e africanas no período da colonização. A hipótese internalista, por sua vez, afirma que tais variações do português não estariam relacionadas apenas às situações de contato do passado, mas relaciona-se a fatores internos e estruturais que seriam tendências que antes mesmo de cruzar o atlântico a língua já apresentava.

No entanto, o fator de crioulição do Português brasileiro é uma teoria que vem sendo defendida por Holm (1987), Baxter (1992), Lucchesi (1994), Castro (2005), tal suposição vem sendo atacada por linguistas que tentam provar por dados e argumentos que não há nada no (PB) que possa ser resultado de crioulição, no entanto, não há como desconsiderar tal teoria devido às condições históricas de formação da língua brasileira (contato de línguas).

A segunda hipótese internalista trata da teoria de deriva linguística que teve como precursor Edward Sapir, que afirma que a língua se move ao longo do tempo em um curso que lhe é próprio e possui uma deriva e que, embora não percebamos, nossa língua tem uma inclinação e as mudanças estão prefiguradas em certas tendências não perceptíveis no presente (SAPIR, 1921, p. 150-155).

Alguns trabalhos sociolinguísticos realizados no Brasil trouxeram evidências de uma série de mudanças no português brasileiro. Filólogos mostraram por intermédio de seus estudos que tais mudanças possuem precedentes, ou seja, são equivalentes a fenômenos já existentes no português antigo e no latim, alguns outros fatores também vem corroborar com essa hipótese conservadora como afirma Silva Neto (1976, p. 188) que fala sobre um processo de isolamento cultural, desenraizamento de sincronias, ossificação do idioma e fratura na transmissão linguística.

Portanto, quando nos referimos à aquisição da língua portuguesa no Brasil, segundo a hipótese conservadora, devemos levar em consideração as áreas arcaizantes, ou seja, lugares que são afastados dos grandes centros urbanos, as condições naturais de localização destas áreas, as dificuldades de acesso e a formação de verdadeiras ilhas culturais. Assim podemos dizer que essa falta de contato provocou uma fratura de transmissão linguística ou uma ossificação do idioma (CARENO, 1997).

Ao estudar a língua como fato social, podemos compreender melhor o que ocorreu no Brasil, já que a documentação migratória traz, ao nosso conhecimento, a existência de comunidades com diferentes falares, que uma vez posto em contato, surge então a necessidade de um denominador comum, ou seja, uma língua construída no Brasil que vai se distanciando ao longo da sua trajetória da variante europeia.

1.2 O Distanciamento da variante europeia: a negação na língua portuguesa brasileira e suas variações

Em vários aspectos em destaque no campo fonológico encontramos, na fala da comunidade pesquisada, fenômenos linguísticos que diferem da variante europeia da língua brasileira, porém nossa pretensão nessa pesquisa se restringe ao estudo de alguns fenômenos linguísticos, além da negação na oralidade brasileira, visando também analisar vestígios das línguas africanas nesse possível processo de variação e mudança linguísticas.

Alguns pesquisadores ao estudar o fenômeno da dupla negação em regiões habitadas por descendentes de africanos afirmam a possibilidade de serem de procedência africana os fatores que causaram o desenvolvimento dessa estrutura sintática.

Podemos verificar isso em Granda (1988, p. 78):

La derivación de condicionamientos lingüísticos africanos de fenómeno de la doble negación, que no sólo se da en el Choco sino en toda el área pacífica de Colombia y en otras zonas americanas de población (actual o pasada) mayoritariamente de origen africano como Santo Domingo, Brasil, San Basilio de Palenque etc. Parece difícil de impugnar la existencia de relación causal entre estos hechos y la utilización de esquemas sintácticos homólogos de negación en lenguas africanas del grupo Kwa, como el Ewe y el Yoruba, y en lenguas Bantu occidentales.

O autor supracitado traz, em suas obras, um modelo teórico diacrônico apresentando duas hipóteses que são criticadas por estudiosos. Esse modelo sugere que:

I - Os primeiros africanos da América espanhola, do século XVI ao XIX, desenvolveram o uso de um código linguístico crioulo que evoluiu até chegar ao espanhol falado nas diversas áreas geográficas citadas;

II - As modalidades de crioulo desenvolvidas e empregadas nas diferentes zonas hispano-americanas de população negra, provêm do que o autor chama de "protodiasistema 'criollo' - português de África" (GRANDA, 1988, p. 510).

No Brasil, linguistas como Silva Neto e Melo admitem ter existido, durante a colonização, alguns dialetos crioulos. Contudo, ao observarmos o campo de pesquisa, percebemos as condições especiais da comunidade quilombola tia Eva, onde encontramos descendentes negros, informantes com baixa escolarização, situação que se repete no contexto de pesquisas já realizadas em Comunidades Quilombolas no Brasil (CARENO, 1997 e GRANDA, 1988).

No falar dos habitantes da comunidade quilombola tia Eva foi possível identificar os seguintes tipos de construções sintáticas em que aparece a negação:

- Negativa simples: Os linguistas referem-se à negativa simples ao tratar um negador simples preverbal “*Não*”, porém sabemos que o português falado no Brasil apresenta mais do que um tipo de negação.

- Negação preverbal: A partícula negativa aparece antes do verbo no enunciado.

Exemplos: 1) Minha mãe... nossa quem **num** viu ela (A.F. ¹). Muitas vezes o elemento da negativa preverbal “*não*” é substituído por “*num*” como no exemplo 1.

Essas formas não convencionais da língua são mais comuns na oralidade, em que também observamos casos que a segunda negativa prevalece sobre a primeira, como em: “*não sei, não*” / “*não vi, não*”.

Negação preverbal – A negação vem antes do verbo.

¹A.F-Entrevistada neta da fundadora da Comunidade tia Eva, mulher 35 anos.

Ex: “Não sei, não” | “Não vi, não”.

Negação pósverbal – a negação vem posposta ao verbo

Ex: Sei não. | Vi não.

Negação dupla e préverbal

A negação dupla trata-se de uma ocorrência muito comum no nosso dia, no português falado em geral e, de modo especial, na comunidade pesquisada. Para exemplificar podemos analisar o seguinte enunciado: “Eu não sou nada”, em que os falantes da língua, no entanto, pensando logicamente, questionam quando observamos tal afirmação já que não ser nada, significa que ele é alguma coisa?

Essa mesma lógica poderia ser aplicada a exemplos cotidianos, tais como “eu não vi ninguém” (significaria “eu vi alguém”), “eu não quero nada” (significaria “eu quero alguma coisa”), “eu não pedi nada” (significaria “eu pedi alguma coisa”), entre outros.

Na maioria dos casos supracitados, a negativa aparece antes do verbo, razão pela qual inferimos que não temos de afirmar antes de negar, sendo assim, em nossa pesquisa analisamos esse fator estrutural da forma da negação na língua brasileira e sua ocorrência na comunidade quilombola pesquisada. Essas variações diatópicas, cujas mudanças se operam no nível da sintaxe, tais ocorrências podem assim também se manifestar: “sei não”, “vi não”. Dessa forma, constata-se que a negação aparece posposta à forma verbal.

A negação tripla é uma forma variável da língua comumente utilizada na linguagem oral.

Ex: 2) “Eu *não quero nenhuma* salada *não*.”

3) “Eu *não entendi nada não*.”

4) “Eu *não conheço ninguém não*”

O nosso intuito é analisar a estrutura da negação na comunidade quilombola tia Eva em Campo Grande-MS, para tanto, tais ocorrências de variações presentes na língua portuguesa falada no Brasil constituem o *corpus* de nossa pesquisa.

1.3 A sociolinguística e sua influência nos estudos das “africanidades”

Do ponto de vista dos estudos sociolinguísticos, a língua é vista como fator social e identidade cultural do povo que a utiliza como meio de comunicação, assim, podemos dizer, grosso modo, que a sociolinguística surge para se opor à linguística estrutural que, de acordo com Calvet (2002), baseava seus estudos na análise “da língua em si mesma”. Outra inovação

nascida da sociolinguística é a concepção de língua enquanto fenômeno vivo, sujeito a mudanças e valorações sociais que devem ser consideradas através dos estudos das estratificações sociais e suas variações para trabalhar as diversidades presentes nas línguas minoritárias, em que é possível verificar variáveis como: gênero, idade e escolaridade do falante, localidade em que ele vive e etnia da qual faz parte, como possíveis influenciadoras da sua fala em situações reais de comunicação.

Sendo assim, de acordo com Mollica e Braga (2003, p.09), a sociolinguística é a ciência que analisa e descreve a língua em uso no seio das comunidades de fala e tem como objeto de estudo a variação, observando dessa forma a linguagem e a sociedade como elementos inseparáveis. Assim, podemos evidenciar que sendo a língua um objeto vivo é impossível estudá-la sem relacioná-la aos aspectos contextualizadores de sua existência.

Diante do exposto, podemos dizer que o homem constrói a sua própria cultura. Essa cultura, por sua vez, é transmitida de geração para geração por meio do uso da língua, ferramenta basilar que propicia interação entre o sujeito e a sociedade, pois como sabemos, a língua está presente na convivência entre as pessoas e colabora para marcar/identificar as diferentes funções e identidades sociais ocupadas por elas em seu meio social.

Dessa forma, para que haja a inter-relação (sujeito-sociedade), é preciso que se faça a junção língua-sociedade, porque o homem se comunica por meio da língua e é um ser social, daí a necessidade de que essa união se complete, uma vez que a língua, como sistema, segue cada passo da evolução da sociedade, desvelando as diversas formas do comportamento humano e as variações que ocorrem em função da temporalidade espacial que a permeia, como afirma Labov (1972, p.16-17):

A função da língua de estabelecer contatos sociais e o papel social, por ela desempenhado de transmitir informações sobre o falante constitui uma prova cabal de que existe uma íntima relação entre língua e sociedade [...]. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço.

Assim, temos a língua de uma sociedade como marca de identidade cultural e, ao ocorrer as variações linguísticas comuns às línguas vivas e em constante processo de evolução, encontramos aspectos culturais e sociológicos causadores das transformações na forma de falar das pessoas. Então, de acordo com Camacho (2001, p.50-55), podemos inferir que tratar de variação é inevitável, pois ela não é o resultado do uso arbitrário e inconsequente dos falantes, mas sim, um uso sistemático e regular de uma propriedade inerente aos sistemas

linguísticos, que é a possibilidade de variação, já que ela está ligada a restrições de natureza linguística e extralinguística. Sendo assim, não há como nem porque ignorar as mudanças que a língua sofre no tempo e no espaço (BUENO, 2003, p.131).

Diante desse contexto, é possível afirmar que não há como realizar estudos na área da sociolinguística sem citar William Labov, um dos pioneiros dos estudos sociolinguísticos e defensor da ideia de uma visão social da língua, que traz em seus estudos uma estreita relação entre os dados linguísticos e variáveis sociais como: faixa etária, nível escolar, socioeconômico e gênero do falante que podem influenciar o uso de um determinado fenômeno linguístico em detrimento de outro. De acordo com Preti, (1994) esses fatores estão subordinados a dois campos: variedades geográficas (diatópicas) e variedades socioculturais (diastráticas), isto é, têm relação direta com a localidade onde o falante reside e a classe social a que ele pertence.

Tarallo (2007), em seu livro “*A pesquisa sociolinguística*”, define variantes linguísticas como as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa com mesmo valor de verdade em um determinado contexto. Ao conjunto dessas variantes dá o nome de variável linguística.

Diante do exposto, convém ressaltar que na constituição de 1988 o Brasil é reconhecido como um país multilíngue, já que a língua portuguesa não é mais a língua nacional e única do país. Dentro desse contexto trazemos à tona a heterogeneidade linguística presente em nosso idioma e as dificuldades linguísticas ao lidar com tais variedades.

Portanto, acreditamos que ao contextualizar e entender as origens da língua brasileira é de suma importância para a prática do ensino aprendizagem de línguas, entender suas origens e sua formação, o que pode nos levar a compreender e redigir um novo contexto de ensino da língua nativa brasileira. É o que pretendemos mostrar ao final dessa pesquisa sobre o falar afro-brasileiro na comunidade quilombola tia Eva, localizada na cidade de Campo Grande-MS.

CAPÍTULO 2 – APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO DA PESQUISA

2.1 A identidade cultural brasileira- afrodescendente

Segundo Lopes (2004) os seres humanos são constituídos por suas multiplicidades étnicas, socioculturais e linguística em que é necessário que se valorize a diversidade existente no coletivo social como direito dos povos e dos indivíduos que compartilham tais diversidades.

Assim, o espaço escolar reúne quesitos fundamentais para a fomentação de princípios na busca pela valorização das identidades dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira.

Lopes (2004) ressalta que além dos marcos legais que embasam as questões de diversidade étnico-raciais há legislações específicas que fundamentam a educação escolar quilombola, em que devem ser referenciados os valores sociais, culturais, históricos e econômicos das comunidades remanescentes de quilombos, contemplando as suas peculiaridades étnicas, culturais e políticas e de valorização da diversidade étnico-cultural brasileira.

Como já foi dito no capítulo I desse estudo, são muitas as comunidades quilombolas no Brasil e se encontram distribuídas por todo o território nacional. Nesse estudo, daremos ênfase às comunidades quilombolas existentes em Mato Grosso do Sul, de modo especial a Comunidade tia Eva e, para definir o que são comunidades, buscamos as contribuições de Lopes (2004, p.551):

Quilombos Contemporâneos. Essa denominação, assim como a de quilombos remanescentes ou terra de preto, é usada, no Brasil, para designar comunidades em que os habitantes se identificam por laços comuns de africanidade, reforçados por relações de parentesco e compadrio, antiguidade na ocupação de sua base física (fundamentada em posses seculares e por tradições culturais próprias) dentro de um sistema que combina apropriação privada e práticas de uso comum, em uma esfera jurídica/infraestatal. Segundo a Associação Brasileira de Antropologia a expressão define toda comunidade negra rural que agrupe descendentes de escravos vivendo da cultura de subsistência e onde as manifestações culturais têm forte vínculo com o passado..

Como vimos, a multiplicidade étnica é a marca da identidade brasileira, uma vez que, a pluriculturalidade de culturas étnicas formaram o país em suas raízes históricas. O reflexo dos vários povos que constituíram demograficamente o país define a nossa identidade cultural, portanto, somos resultado das miscigenações de povos e costumes que geraram uma terceira geração cultural, que se pode denominar a real identidade nacional.

Inserido nesse contexto de multiplicidade, é de extrema relevância para essa pesquisa estudar a presença do negro nesse processo de formação da identidade nacional brasileira, partindo de conceitos de definição de “raça” e “etnia” quanto à identificação, “quem seriam os negros de nosso país?”

Pertencemos todos à raça humana, no entanto, a diversidade étnica é o que nos faz refletir os conceitos de formação da identidade nacional brasileira “quem é o pardo?”, “quem é o mulato?” “afinal quem é o brasileiro?”

Essas são questões que carecem de reflexões.

2.1.2 Histórico do percurso africano no Brasil

Nos séculos XVII e XVIII, as rotas de comércio transatlântico caracterizavam a diáspora africana e não podemos negar que a base fundamental do colonialismo no Brasil esteve fincada no trabalho escravo africano.

Dos escravos que foram trazidos para a América, o Brasil recebeu aproximadamente 40%, ou seja, cerca de 3,6 milhões de indivíduos, e em certos períodos as concentrações demográficas afro-brasileiras foram superiores a europeia.

De acordo com Gomes (2005), no Brasil, no período da escravidão (séc. XVII e XVIII), os negros que conseguiam fugir se refugiavam com outros em igual situação, em locais escondido, fortificados e de difícil acesso, em meio às matas. Assim estes locais eram conhecidos como quilombos. Nessas comunidades, eles viviam de acordo com sua cultura Africana, plantando e produzindo em conjunto. Na época colonial, o Brasil chegou a ter centenas dessas comunidades espalhadas, principalmente, pelos atuais estados da Bahia, Pernambuco, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do sul, Minas Gerais e Alagoas.

Os quilombos que estavam localizados em lugares afastados, permaneceram ativos mesmo após a abolição da escravatura em 1888, dando origem às atuais

comunidades quilombolas (quilombos remanescentes). Existem atualmente cerca de 1.500 comunidades quilombolas certificadas pela Fundação Palmares, em todo o país.

Podemos citar algumas características dos integrantes dessas comunidades, principalmente, pelo fato destes possuírem fortes laços culturais, mantendo suas tradições, as práticas religiosas, relação com o trabalho na terra e sistemas de organização social próprio.

De acordo com Tarabóla (2008) a escravidão existia antes mesmo do período da “descoberta” do Brasil. Como tentativa de resgate da liberdade, os escravos fugiam e se escondiam nas matas, surgindo assim o que recebeu o termo “quilombo” atribuído à língua bantu que seria, de acordo com Munanga (1995), o “aportuguesamento” de *kilombo*.

Podemos inferir que o quilombo surgiu como uma oposição à estrutura escravocata imposta. Sendo assim, seria uma organização de fuga da realidade sócio cultural do período, de certa forma, visando um modelo de democracia plurirracial.

De acordo com o autor supracitado (1995, p.58):

Os quilombolas brasileiros ocuparam sertões, florestas; cercaram e penetraram em cidades, vilas, garimpos, engenhos e fazendas; foram atacados [...] por grupos escravistas, aos quais também atacaram e usaram em causa própria; fugiram da escravidão, se comprometeram e se aliaram com outros negros, índios e brancos pobres; criaram economias próprias [...]; formaram pequenos grupos [...] politicamente estruturados [...].

Podemos também caracterizar, de acordo com Freitas (1984), sete tipos existentes de quilombos: os agrícolas, que prevaleceram por todo o Brasil, os extrativistas, mercantis no Amazonas, os minerados, em Minas Gerais, Bahia, Goiás e Mato Grosso, os pastoris, no Rio Grande do Sul, os de serviços, que saíam das áreas quilombolas para trabalhar nos centros urbanos e os predatórios, que viviam dos saques praticados contra os brancos e existiam em toda parte.

Nas comunidades quilombolas havia uma estrutura organizada de divisão de trabalho, cada um tinha sua função desde o cultivo de alimentos, confecção de artesanato e práticas da caça e da pesca. Podemos dizer que, no Brasil, os quilombos representaram umas das maiores expressões de luta e resistência ao sistema colonial escravocrata.

Nascimento (1980) não limita sua definição de quilombo a estrutura territorial definido quilombo como um movimento de resistência a submissão, exploração e violência, sendo formas associativas de convivência que se criavam em florestas, regiões de difícil

acesso, possuindo defesa e organização para sustentar e dar continuidade à população afrodescendente, portanto, constituindo grupos de resistência política e cultural.

O Brasil foi o último país do mundo a libertar os escravos, assim, o processo de escravidão no país durou mais de trezentos anos, no decorrer do tempo o conceito de quilombo adquiriu novos significados de reivindicação territorial e identitária, sendo utilizado nas situações de segmentos negros como os grupos de cultura urbana “rappers” e como referência às terras que resultaram da aquisição dos ex-escravos de terras abandonadas ou doadas.

2.2 A formação das comunidades quilombolas em Mato Grosso do Sul

O que a maioria das pessoas entende por comunidade quilombola está muito distante da realidade. Estas apoiam sua argumentação baseada na definição errônea que advém desde o período colonial brasileiro a partir do século XVIII, de acordo com Moura (1981) “toda a habitação de negros fugidos que passem de cinco, em parte despovoada ainda que não tenham ranchos levantados nem se achem pilões neles”, o estado de Mato Grosso do Sul não difere desse padrão, pois, no estado, existem 22 comunidades reconhecidas pela Fundação Cultural de Palmares, no entanto, a limitação da ignorância social não permite que ocorram avanços significativos no que se refere aos direitos sociais das comunidades quilombolas.

A Constituição Brasileira reconheceu o direito de propriedade definitiva das terras ocupadas por remanescentes quilombolas, através do artigo 68 do Ato das Disposições Transitórias: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 2008). No entanto, foi com a publicação do decreto 4.887, no dia 20 de novembro de 2003 que se estabeleceu a forma de como proceder à demarcação e titulação do território quilombola. Da década de 1980 até 2003 desenrolaram-se anos de silêncio quanto a este assunto e, apesar de haver milhares de comunidades espalhadas por todos os estados brasileiros, ainda há a impressão de inexistência ou de distanciamento das comunidades, o que remete muitas pessoas à noção de quilombo do período colonial.

Essas noções errôneas que definem uma comunidade negra é gerenciadora de conflitos e como afirma Santos (2010), o ano de 2007 ficou marcado pelo aumento dos conflitos no estado do Mato Grosso do Sul entre as comunidades rurais quilombolas e o Governo do Estado, Sindicato Rural de Dourados; as Prefeituras Municipais de Nioaque,

Dourados e Sonora; grandes proprietários de terras e a Federação da Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul (FAMASUL).

Tal definição ultrapassada sobre o que é uma comunidade remanescente quilombola acarretou uma situação constrangedora para o Instituto Histórico Geográfico de Mato Grosso do Sul (IHG-MS), que reforçou a posição contrária ao reconhecimento das comunidades quilombolas no estado de MS. Em 2008 o presidente do IHS-MG Hildebrando Campestrini exalou um parecer negando a existência de qualquer formação de comunidades quilombolas no estado de Mato Grosso do Sul. O parecer dizia:

Considerando que o sul de Mato Grosso despontou no cenário econômico brasileiro como área de produção pecuária, após as décadas de 1830/1840, quando a escravidão já se encontrava em processo gradativo de desarticulação; considerando que o território hoje sul-mato-grossense se encontrava fora da rota de fuga dos escravos egressos dos centros econômicos mais significativos à época do regime escravista (SP, MG e região norte de MT); considerando que havia no último quartel do século XIX, forte empenho de líderes pela libertação de escravos, a exemplo das Juntas de Emancipação nas principais vilas e cidades do sul de Mato Grosso, com resultados positivos; considerando que, sobretudo após a Guerra da Tríplice Aliança, o número de escravos no sul de Mato Grosso era de reduzido significado; considerando que não há documentos, nem ao menos indícios, que provem a existência, no atual Mato Grosso do Sul, de quilombos, mesmo que tardios. Manifestam-se, por unanimidade, no sentido de não reconhecer a presença de quaisquer núcleos quilombolas remanescentes em nosso Estado. Campo Grande, 10 de setembro de 2008. Hildebrando Campestrini – Presidente (SANTOS, 2010, p.20).

Esse parecer sobre a visão das comunidades está preso a um passado colonial, como algo exótico, perdido e afastado da noção de cidadão brasileiro. O parecer ganhou destaque na mídia local e teve ampla recepção entre os produtores agropecuários.

O Parecer Quilombola produzido pelo (IHG-MS) encara comunidades remanescentes como aquele conceito da época imperial e deixa de perceber, como bem lembra Amaral Filho (2011), que os remanescentes de quilombolas surgem recriando um processo identitário e não o repetindo. Recriando seus laços com a África, “eles passam a se comportar no Pós-Colonial diaspórico como um grupo multicultural miscigenado diferente de sua noção clássica” (AMARAL FILHO, 2011).

O fator colonização embora seja, nos dias atuais, um processo extinto, suas raízes permanecem na discriminação como fator excludente e marginalizador de determinados grupos sociais, essa situação é a realidade no estado de Mato Grosso do Sul no que se refere aos direitos das populações indígenas e quilombolas. Podemos dizer que o estado não fugiu ao

padrão nacional no que trata da formação de uma identidade nacional baseada na falsa ideia de democracia racial.

Tal conceito pode ser exemplificado na invisibilidade dos remanescentes quilombolas do estado. Ao observar a capital do estado Campo Grande, que recebe também o nome de cidade morena (fruto de miscigenação das raças), percebemos pouca menção da vida dos escravos que aqui viveram e a invisibilidade na representação histórica do estado nos seus museus e livros, com relação ao assunto tratado.

Esses posicionamentos sociais estão relacionados às conceituações do pensamento cristalizado do passado colonial que ainda permeia a sociedade sul-mato-grossense em seus discursos ideológico e cultural, portanto, refletir sobre os estudos das classes minoritárias é ser porta voz da luta contra o racismo e da ignorância social que nega a existência e identidade de um povo que também constitui a história e cultura do estado e do país, é o que também pretendemos mostrar nesta pesquisa de Mestrado que, inclusive, recebe o incentivo da lei 10.639/2003 que trata da importância da cultura e história Afrobrasileira.

A seguir, listamos as comunidades quilombolas existentes em Mato Grosso do Sul e reconhecidas pela Fundação Palmares.

Estado	Município	Código do IBGE	Comunidade	Data de Publicação
MS	Dourados	5003702	Picadinha/Comunidade Negra Rural Quilombola Dezidério Felipe de Oliveira*	19/04/2005
MS	Maracaju	5005400	São Miguel*	19/04/2005
MS	Corguinho	5003108	Furnas da Boa Sorte*	25/05/2005
MS	Jaraguari	5004908	Furnas do Dionísio*	25/05/2005
MS	Campo Grande	5002704	Chácara Buriti	19/08/2005
MS	Figueirão	5003900	Santa Tereza	19/08/2005
MS	Pedro Gomes	5006408	Família Quintino	19/08/2005
MS	Rio Negro	5007307	Ourolândia	19/08/2005
MS	Sonora	5007935	Família Bispo	19/08/2005
MS	Terenos	5008008	Comunidade dos Pretos	19/08/2005
MS	Nioaque	5005806	Família Cardoso	09/11/2005
MS	Nioaque	5005806	Comunidade Negra da Família Araújo e Ribeiro	12/05/2006
MS	Campo Grande	5002704	Comunidade Negra São João Batista	07/06/2006
MS	Aquidauana	5001102	Furnas dos Baianos	07/02/2007
MS	Rio Brillhante	5007208	Família Jarcem	02/03/2007

Estado	Município	Código do IBGE	Comunidade	Data de Publicação
MS	Campo Grande	5002704	Eva Maria de Jesus Tia Eva (Vila São Benedito)	05/03/2008
MS	Corumbá	5008008	Ribeirinha Família Osório	06/07/2010
MS	Nioaque	5005806	Ribeirinha Família Bulhões	17/06/2011
MS	Nioaque	5005806	Ribeirinhos Família Romano Martins da Conceição	17/06/2011
MS	Corumbá	5008008	Maria Theodora Gonçalves de Paula	22/12/2011
MS	Bonito	5002209	Águas do Miranda	03/09/2012
MS	Corumbá	5008008	Família Campos Correia	01/04/2013
Total:				22

Fonte: Fundação de Palmares

2.3 A comunidade quilombola tia Eva em Campo Grande -MS

Após ouvirmos relatos orais em nossa pesquisa de campo sobre a comunidade em estudo também chamada Benedito, vale ressaltar que a comunidade recebeu esse nome devido à tia Eva ter feito uma promessa para o santo, sendo, portanto, esse o protetor dos negros. Tal promessa fora feita quando esta se encontrava enferma com uma chaga na perna, ela votou que se fosse curada viria para o Mato Grosso e construiria uma capela de adoração a São Benedito e que a sua descendência deveria celebrar o santo e as devoções a ele teriam continuidade por toda a história. Assim, todo ano, até os dias atuais, ocorrem as celebrações da festa de São Benedito, em Campo Grande-MS, na comunidade tia Eva.

Figura1 - Igreja de São Benedito e vista parcial da comunidade



Foto do acervo pessoal da pesquisadora

Quando estudamos a história da comunidade, por meio de relatos e pesquisa bibliográfica, observamos que não há registros, em nenhum jornal ou documento impresso, da chegada da família de tia Eva à região. No entanto, sabemos alguns fatos por intermédio de relatos orais da comunidade, de sua origem: Mineiros Góias, nasceu em 1847, seu nome Eva Maria de Jesus, popularmente conhecida como “tia Eva”.

Não foi possível encontrar outra razão da vinda da tia Eva para a região do até então Mato Grosso, a não ser a execução de sua promessa de construir uma capela em homenagem a São Benedito, se fosse curada da chaga que a cometa. Na figura 2, temos a vista da igreja que fora construída por tia Eva. E na figura 3, o busto da fundadora da comunidade.

Figura 2 -Igreja de São Benedito e o busto de tia Eva



Foto do acervo pessoal da pesquisadora

Figura 3 - Busto de tia Eva



Foto do acervo pessoal da pesquisadora

Na frente da igreja foi construído o busto de tia Eva em homenagem a fundadora da igreja de São Benedito e idealizadora de comunidade.

Eva e família vieram em uma comitiva pela região de Camapuã até chegar aos Campos de Vacarias (antigo nome de Campo Grande), e instalaram-se no bairro Saraiva (atualmente São Francisco). Em 1905 tia Eva conseguiu chegar a seu destino curada e trouxe consigo uma imagem de São Benedito esculpida em madeira (com ela vieram suas três filhas e seu esposo).

Figura 4 - Esposo da tia Eva



Foto do acervo pessoal da pesquisadora

A história dessa comunidade recebe o destaque da religiosidade que faz referência ao passado como aspecto cultural, já que a memória interfere diretamente nos costumes do presente por intermédio do cumprimento de uma promessa.

A formação da identidade negra brasileira é construída segundo Silva (1998):

Identidade negra [...] constrói - se com base e a partir da interação entre três elementos que dão características particulares ao grupo: o passado de luta e negociação para a afirmação da liberdade face à escravidão [...]; a religiosidade [...] que atualiza, no seu ritual, o mito de origem da comunidade [...]; e a conformação de um discurso negro moderno [...] dos mais jovens, mas inspirado no passado do grupo (p.98).

Esses traços supracitados confirmam a formação da identidade negra campo-grandense da comunidade estudada, uma vez que tia Eva chegou ao seu destino em Campo Grande curada e trouxe uma pequena imagem esculpida de São Benedito, padroeiro da comunidade.

Figura 5 -Imagem de São Benedito



Foto do acervo pessoal da pesquisadora

Eva e sua família estabeleceram-se em uma região de mata fechada próximo ao córrego e afastado da zona urbana. No período de chuvas, o acesso à região era difícil devido aos buracos e lama, tais fatos citados reiteram o contexto adequado para a nossa pesquisa formando um quadro linguístico social propício às nossas pretensões de estudo.

2.4 Traços dos dados selecionados

Os dados apresentados foram extraídos de gravações transcritas de inquiridos e de questionários aplicados na comunidade quilombola tia Eva na região rural, localizada na cidade de Campo Grande-MS.

A pesquisa *in loco* realizada no período entre 2012, 2013 e 2014 teve como critérios para a escolha da comunidade, o fato desta estar localizada em lugar isolado, a vida pastoril e habitantes em sua maioria pertencentes à raça negra. Quanto às qualidades exigidas do informante, também seguimos alguns critérios na tentativa de alcançarmos a objetividade dos dados, quais sejam: concluintes do ensino fundamental, ser pessoa nascida no lugar, filho de gente do lugar ou a ele ter chegado até os cinco anos de idade; se casado, deve o cônjuge ser da região; ter viajado pouco; ter trinta anos ou mais; ser negro.

Algumas especificações importantes do *corpus* da pesquisa.

- a) fugimos muitas vezes da ortografia oficial na transcrição das experiências narradas, para captar peculiaridades de pronúncia, que contribuem para a identificação dos registros linguísticos da comunidade.
- b) os aspectos fonéticos como a oscilação existente nas vogais átonas finais “e” e “o”, que ora passam para “i” e “u” os quais já estão sobejamente tratados pela linguística, aparecem como caracterizadores da fala brasileira, foram caracterizados apenas quando contribuíam para detectar aspectos históricos, em que tentamos ser fieis à pronúncia ouvida.
- c) as diversas formas da negação foi o fenômeno, ao qual demos maior ênfase na descrição das entrevistas, uma vez que esse constitui o objeto principal de pesquisa nesse trabalho.
- d) todos os nossos informantes possuíam algum grau de parentesco com a tia Eva (exceto os da Guiné Bissau que foram utilizados para comparação dos dados e das interferências linguísticas).

2.4.1 Perfil dos falantes

Na pesquisa com a comunidade São Benedito, os resultados referem-se aos descendentes de tia Eva que são também moradores da região. Foram pesquisadas um total de 60 (sessenta) residências para realização prévia das entrevistas e, para efeito de análise foram selecionadas apenas 10 (dez) das residências

Entrevistamos os moradores acima de 30 (anos) de idade, 6 homens e 6 mulheres. O questionário foi direcionado e segue em anexo, assim nos inquéritos, referimo-nos a questões como brincadeiras, infância, estudos e casamento entre outros.

A maioria dos entrevistados reside na comunidade desde o nascimento; os que habitam há menos tempo foram morar em outra comunidade também situada no município de Campo Grande “Furnas de Dionísio”, e que por motivos de doença, resolveram voltar por estarem mais próximos a assistência médica na comunidade alvo de nossa pesquisa.

As entrevistas em Crioulo utilizadas nesse trabalho foram selecionadas de acordo com os seguintes critérios: os entrevistados deveriam ter mais de 30 e menos de 65 anos, 6 homens e 6 mulheres que habitavam a região da capital Bissau em Guiné e deveriam ser falantes do

crioulo guineense nascidos em Bissau. Para ambas as localidades pesquisadas utilizou-se o mesmo roteiro de perguntas, cujo objetivo foi traçar o perfil linguístico dos falantes.

2.5 Variáveis extralinguísticas estudadas

2.5.1 A variável gênero do falante

A variação da fala feminina e masculina é algo muito marcante, embora em nossa sociedade ocidental ocorra de forma diferenciada, há algumas culturas em que existem diferenças de léxico a ser usado na fala de homens e mulheres, ocorrendo, inclusive, o uso de vocabulários específicos para ambos os gêneros.

Alguns estudos têm comprovado a influência do gênero/sexo nas variações linguísticas em que podem ocorrer dentro dessas variações os chamados “tabus” linguísticos que são expressões consideradas inadequadas para o uso feminino, conforme Preti (2000).

Partindo desse pressuposto e de acordo com Paiva e Mollica (1994), as mulheres são mais preocupadas com a beleza, vestimenta, comportamento e essa valorização da estética pode se refletir na fala, o que pode torná-las mais observantes às normas da língua. Em Paiva (1994), podemos encontrar os primeiros estudos que tratam essa influência do gênero/sexo sobre as variações linguísticas. Fisher (1974), por sua vez, afirma que na fala feminina há predominância na escolha de formas mais requintadas, ditas de prestígio, do que na fala masculina.

No entanto, existem controvérsias na questão de variação estável, ou seja, há discordâncias sobre as influências do gênero na criação das novas formas. Há hipóteses de que as mulheres sejam mais inovadoras ao passo que os homens parecem competir e impor sua autonomia na implantação de novas formas. Assim ocorre a divergência de opiniões, no entanto, no que se refere às formas ditas prestigiadas, há a predominância das mulheres em seu uso, já quando se trata de formas menos prestigiadas são os homens que lideram essa modalidade. Não podemos também deixar de mencionar a influência das mulheres na determinação de mudança linguística como mães, por serem responsáveis pela educação dos filhos, sendo elas as primeiras fontes de aquisição da língua na infância.

Todavia, vale ressaltar que o fator gênero/ sexo só terá validade se comparado a homens e mulheres do mesmo nível social, idade e escolaridade, se a análise se der em grupos distintos ocorrerá a influência de outros fatores. Por exemplo, alguém que possui mais

escolaridade fará o uso mais frequente da forma normativa, independente do gênero a que pertença.

Também não podemos desconsiderar as diferenças e particularidades das questões culturais que exercem relevância significativa na língua. Quando observamos a cultura ocidental, percebemos um nivelamento sem muitas distinções, entretanto, não podemos generalizar, pois, ainda ocorre o pensamento opressor e machismo em que as diferenças de papéis são nítidas e isso também é aplicável ao perfil linguístico dessa sociedade, podendo ocasionar as diferenças no uso do léxico, como já citado anteriormente.

2.5.2 A variável idade do falante

A língua está em constante processo de variação e transformação no tempo e no espaço e a idade do falante pode influenciar na renovação dos vocábulos, no sentido de expressar novas formas e novos fatos na língua. Dessa maneira, as pessoas com mais idade tendem a conservar sua fala por não terem o contato com o ciclo de mudanças inovadoras da realidade jovem (NARO, 1994; BUENO, 2003).

Sendo assim, as mudanças linguísticas estão relacionadas à temporalidade, em que podemos inferir que o fator idade pode ser um determinante. Nos diversos estudos já realizados, Naro (1994), por exemplo, ocorrem as diferenças da fala nas distintas faixas etárias, pois cada falante elege seus termos e formas de seu tempo, e se o falante possui mais idade tende a prevalecer em sua fala as formas mais conservadoras, podemos ver isto em Naro (1994, p.82) ao ressaltar que:

Os falantes adultos tendem a preferir formas antigas, criando uma situação estranha, pelo menos à primeira vista; existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai/filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizarem ambas as formas. Trata-se apenas de uma tendência em direção a uma ou outra forma. Com o correr do tempo é provável que a forma nova seja adotada por todos.

A nossa meta nessa pesquisa é verificar quem faz mais uso das variáveis nos aspectos da negativa e como se dá a negativa na língua crioula da Guiné Bissau, ou seja, a idade do falante pode funcionar como um fator de influência no uso das variações linguísticas? No capítulo III, a seguir, verificaremos a confirmação ou não dessa hipótese.

2.5.3 A variável escolaridade do falante

Na análise do grau de instrução dos falantes, verificamos o ensino fundamental (período que compreende o primeiro ao quinto ano escolar), uma vez que, de acordo com Votre (1994) o domínio maior ou menor da norma padrão da língua depende de muitas variáveis dentre elas o nível de escolaridade do falante.

De acordo com a sociedade em que o indivíduo habita há exigências que se adéque à norma padrão da língua, mas se o convívio e ciclo de amizades não lhe exigir preocupação com a fala dita “correta” ele não irá se preocupar em adequar a sua fala ao meio social em que se encontra.

Entretanto, não podemos destacar a escolaridade como principal causa das variações, pois na língua, independente da condição de instrução do falante, podemos encontrar variedades linguísticas na fala, mas não podemos desconsiderar que as formas variáveis, que fogem ao padrão e à norma da língua portuguesa, estão mais presentes no grupo de menor escolaridade.

2.6 As variáveis linguísticas estudadas

2.6.1 Aspectos da negativa no Brasil

Os sistemas linguísticos humanos incluem representações da negação. Somos os únicos seres com a habilidade da comunicação, portanto, temos formas próprias para negar, contrariar e recusar. Assim, do ponto de vista semântico, isso corresponde a uma operação de produzir um sentido de falsidade, do ponto pragmático equivale a apresentar um estado de inexistência na realidade extralinguística. Contudo, negar é expressar inexatidão, irrealidade ou não realização de algo.

Ao analisar os dados deste estudo comparados ao português europeu percebemos que o procedimento mais comum da negação reside na anteposição do advérbio “não” ao verbo, tendo como resultado uma frase em que se declara a inadequação entre o sujeito e o predicado, ou da estrutura sentencial com a realidade extralinguística.

Vejamos o exemplo:

(A1) A aula (sujeito) foi boa (predicado).

(A2) A aula **não** (advérbio de negação) foi boa.

No exemplo (A1) temos uma declaração afirmativa, no (A2) observamos a estrutura gramatical da variedade padrão da língua europeia em que temos o sujeito (aula), o predicado nominal (foi boa) submetidos semanticamente ao advérbio (não) antes do verbo, produzindo o sentido de depreciação ou não existência de uma boa aula.

Nossa pretensão neste trabalho parte da análise de três mecanismos da negação ocorrentes no português brasileiro. I- a negativa canônica (préverbal), II- a pósverbal, III- e a dupla negativa.

As diferentes estruturas na construção das frases negativas no português brasileiro vem sendo estudadas como um fenômeno de mudança em curso, uma vez que o padrão da negativa préverbal (I) pode estar sendo substituído por um padrão (II) pósverbal, e que esta mudança ainda apresenta uma forma diversificada, apresentando a (III) dupla negativa

(I) **Num** sei.

(II) Sei **não**.

(III) **Num** sei **não**.

Cavalcante (2012) cita um fenômeno semelhante ocorrido na língua francesa, uma mudança diacrônica em que o segundo marcador negativo *pas* que, constituía um elemento opcional e não apresentava traço negativo, passou a ser utilizado obrigatoriamente com o marcador préverbal *ne* e que este perdeu a independência na construção negativa.

Assim, poderíamos levantar uma hipótese de que a variação existente no Português brasileiro indicaria um processo de mudança do mesmo tipo ocorrido no francês. Uma vez que “*num*” torna se em alguns casos, o 1º e único elemento na negativa préverbal.

No aspecto da dupla negativa, o uso do “*num*” de acordo com o autor supracitado: o paradigma funcional da língua, a pronúncia do *num* pode ser considerada uma “erosão fonética “e isso pode conduzir a um reforço enfático, gerando a dupla negativa.

5) “*Num quero não*”

Então, podemos reafirmar o que diz Schwegler (1986) ao definir o não pósverbal como elemento negativo enfático (*emphatic negative element*) e o contraste com o *pas* da língua francesa constitui um fenômeno de repetição de elementos negativos caracterizado como fator comum às línguas românicas.

A frase negativa em francês tem duas partes: o *ne*, que é colocado antes do verbo conjugado e pronomes oblíquos e o *pas* (ou outra palavra negativa) que é colocada geralmente depois do verbo conjugado.

Exemplos:

Num falo italiano **não**.

Je ne parle pas italien.

No português brasileiro observamos que o não final não apresenta nenhum complemento do verbo, podemos então chamá-lo como Calvacante (2007) o definiu, marcador final de negação frásica (sentence final negation marker).

2.6.2 Mecanismos de negação no português falado na Comunidade Quilombola tia Eva

Dentre a variedade falada do português do Brasil na comunidade quilombola tia Eva nossa pretensão é descrever e interpretar as cinco seguintes formas de negação:

a) a negativa canônica pré-verbal *não* + SV:

6) *Não, só tivi uma história só...*

b) A negativa dupla *não* + SV + *não*:

Como nos referimos à negativa dupla, é importante salientar a monotogação do *não* na forma não< num como variante popular do *não*.

7) *...minha mãe **num** é muito di tá participando da igreja não*

A expressão *num* é formada pela contração da preposição em + num e normatizada pela gramática padrão. (Ex: ... *moro **num** (em + um) lugar distante..*), já quando nos referimos ao uso do **num** em comunicações informais, em que o uso da linguagem coloquial é presente, é como se tornasse uma contração de "não" com "um", sendo utilizado como substituto do "não". Observamos que essa variedade linguística está presente de forma significativa nos dados coletados na fala dos moradores da comunidade tia Eva.

Segundo Careno (1997) alguns traços morfossintáticos, como a negativa dupla, que foram encontrados nas falas das comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, podem ser considerados influências étnicas na língua brasileira, sendo assim, podemos supor que tais características no português falado na comunidade estudada devam-se às mesmas origens citadas por Careno.

c) a negativa final SV + *não*:

8) *...Por enquanto que eu tô lembrado ainda não...* (M1 informante).

9) *...Você não estudou nada,**né** ...*

O **né** é a supressão do (não + é), é um hábito comum utilizado na linguagem oral como marcador do discurso do falante, seria uma espécie de reforço da ideia. Portanto, uma variedade presente nas entrevistas realizadas para esta pesquisa.

d) o elemento negativo no sintagma nominal;

10)... *nenhum, que eu tô lembrado...*

No trecho acima retirado das entrevistas com nossos informantes, o elemento negativo traz, por intermédio do sintagma nominal, a não verdade ou inexistência de algo.

2.7 Aspectos da negativa na Guiné Bissau

Na língua crioula não há desinências verbais, porém existem morfemas livres que indicam tempo modo, aspecto e negação. Sendo assim, a negação é expressa no crioulo guineense por meio da partícula *Ka* que precede o verbo. Kihm (1994, p. 46) afirma que a partícula *Ka* seria a convergência do português *nunca* com as partículas de negação das línguas de substrato.

Negativa préverbal

11) N ka tene kaneta

“Não tenho caneta”

Negativa Anafórica

Também de acordo com Intumbo (2007, p. 89) na negação anafórica é usado o “naw” não.

Exemplo:

12)” Bu tene dois fdju?”

(Você tem dois filhos?)

Naw, Son um

(Não, só um.)

Dupla negativa

13) “ *i* *ka* *chega* *inda*”

NEG

NE

No nosso *corpus* de pesquisa relacionado do crioulo guineense encontramos a concordância negativa e a dupla negação, fenômenos linguísticos que melhor explanaremos

no capítulo III que trata das análises dos dados coletados das entrevistas, tanto no Brasil (comunidade tia Eva) como na Guiné Bissau.

CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO DOS DADOS E INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

3.1 Sobre a variação linguística

Toda língua possui variações, possui diversidades e a sociolinguística vê essas diversidades como parte integrante da linguística, além de considerar impossível haver língua sem que haja variação, uma vez que a língua é por excelência um fato social (SAUSSURE, 1989).

Nesse contexto, a variação linguística, como ressaltam Mollica e Braga (2008), é entendida pela Sociolinguística como um princípio geral e universal passível de análise e descrição científica e, como um fenômeno presente em todas as línguas naturais (SILVA, CARVALHO, 2013).

Observamos que, como afirma Bueno e Silva (2012, p.15), a sociolinguística é uma ciência nova “que surgiu na década de 60, para estudar as variações da língua inserida no contexto social em que se encontra o falante, no momento da enunciação e busca explicações para a escolha de uma determinada variante linguística em detrimento de outra”.

Diante do exposto, Bagno (2007, p. 38) ressalta que “o objetivo central da Sociolinguística, como disciplina científica é, precisamente, relacionar a heterogeneidade linguística com a heterogeneidade social. Língua e sociedade estão, indissolivelmente, entrelaçadas [...]”, sempre partindo do princípio de que a língua varia ou muda para atender às necessidades do falante no processo de interação verbal (BUENO E SILVA, 2012).

Quanto às variedades que a língua apresenta, do ponto de vista linguístico, não há uma considerada melhor que a outra, entretanto, muitas vezes essas diferenças, em relação à modalidade padrão da língua, se transformam em preconceito na sociedade, uma vez que essa mesma sociedade considera apenas a modalidade padrão como língua e estigmatiza o falar simples das pessoas humildes e dos alunos que vêm de um ambiente social menos favorecido. É por isso que a principal influência da sociolinguística na educação parte do princípio de que as variedades linguísticas de uma comunidade são equivalentes e Bortoni-Ricardo (2005), por sua vez, afirma que:

muito embora os preconceitos linguísticos não tenham desaparecido, a sociolinguística forneceu munição teórica e tecnológica para combatê-los, bem como para que os sistemas escolares começassem a se preocupar com a adequação de seus métodos às peculiaridades linguísticas e culturais de seus alunos que não provinham das camadas dominantes da sociedade (p.81).

Vale ressaltar que, nessa pesquisa, é nosso interesse estudar as diversidades étnicas da língua brasileira com o intuito de contribuir para a prática docente em ambiente de diversidade, uma vez que temos por estímulo o respaldo da legislação.

Lei nº. 10.639/2003 que acrescentou à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) dois artigos: 26-A e 79-B. O primeiro estabelece o ensino sobre cultura e história afro-brasileiras e específica que o ensino deve privilegiar o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional. O mesmo artigo ainda determina que tais conteúdos devem ser ministrados dentro do currículo escolar (MEC, 2003).

A língua representa a identidade cultural de um povo, por isso, faz-se necessário compreender, estudar e rever a formação do português brasileiro, suas variações e as

contribuições africanas para a sua formação, além das possíveis interferências das línguas africanas no português da atualidade.

Dessa forma, Nogueira (2012) discorre sobre um passo importante a ser tomado que é:

o de refletir juntamente com os alunos acerca da variação linguística, reflexão essa despojada de preconceitos. Para que o ensino mude, é preciso compreender antes de qualquer coisa que a língua é um instrumento de comunicação social diversificado em todos os seus aspectos, é o meio de expressão de indivíduos que vivem em uma sociedade também diversificada social, cultural e geograficamente (p.55).

Podemos afirmar que existem muitas formas de se comunicar. Uma língua nunca é falada do mesmo jeito pelos seus usuários, ela pode sofrer variações, seja do ponto de vista linguístico ou social. Vellasco & Sousa (2007, p.27) expõe que:

A língua não é usada de modo homogêneo, igual, por todos os seus falantes. O uso de uma língua varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social, e assim por diante. Nem individualmente podemos afirmar que o uso seja uniforme. Dependendo da situação, uma mesma pessoa pode usar diferentes variedades de uma só forma da língua.

Sendo assim, o ensino da língua deve dar destaque às variantes que podem ocorrer em uma comunidade linguística, pois é de suma importância que o aluno saiba que existem diferentes formas de usar a língua oral e escrita e que deverá adequá-las às diferentes circunstâncias em que ocorrerem e ao contexto social em que estiverem inseridos no momento da interação sócio-comunicacional.

Sendo a variação linguística um objeto de estudo da Sociolinguística, como princípio geral e universal, ela “é considerada um dos principais recursos postos à disposição dos falantes e cumpre duas finalidades cruciais que são: ampliar a eficácia de sua comunicação e marcar sua identidade social do falante” (BORTONI-RICARDO, 2005, p.28).

É importante que o professor, no processo de ensino e aprendizagem, não seja um agente de exclusão, usando preconceito e discriminação no tratamento das variedades linguísticas, mas que mostre ao aluno as diferentes formas de utilizar a língua, conforme as circunstâncias e as necessidades reais do falante.

3.2 Resultados e interpretação dos dados

Nesse subcapítulo apresentamos os resultados estatísticos obtidos da análise dos dados e exemplificação dos resultados do nosso estudo que aborda as diferenças étnicas e culturais. Para isso relacionamos alguns outros fenômenos encontrados nas análises em que tais ocorrências darão sequência a estudos linguísticos dos diferentes fenômenos presentes nas entrevistas com os nossos informantes, além do estudo da dupla negação.

Diante das diversidades resultantes de fatores geográficos e culturais, o português do brasileiro possui diversas particularidades que estão sendo analisadas pelos linguistas e, devido a sua importância, integram este trabalho, de modo especial, o estudo da dupla negação no português falado na comunidade quilombola tia Eva e no crioulo falado na Guiné Bissau.

Essas particularidades constituem, de acordo com Bagno (2007), a concepção de língua como um “substantivo coletivo”, ou seja, a heterogeneidade da língua é distinta da visão de variação livre, assim toda mudança é estruturada e a análise sociolinguística orienta-se nesse contexto de variação sistemática que toma por base a heterogeneidade linguística.

3.2.1 Variações e mudanças nas características fonético-fonológicas da língua portuguesa falada na comunidade tia Eva

Chamamos de mudança fonética quando ocorre a alteração da pronúncia no vocábulo, quando estudamos os sons da fala, a sua produção e qualidades acústicas. Assim a fonética é o estudo das realizações supracitadas, já a fonologia vai além da sonoridade da língua, ocupando-se das unidades sonoras (os fonemas), estudando a estrutura e as relações estabelecidas.

Basso e Ilari (2007) e Silva (2004) afirmam que o Português brasileiro possui um sistema fonológico de 31 fonemas, dos quais 12 são vocálicos e 19 são consonantais, nesse contexto, faremos nesse capítulo uma breve explanação das ocorrências de fenômenos fonético-fonológicos encontrados em nosso *corpus* de pesquisa, para traçar o perfil linguístico dos falantes da comunidade quilombola tia Eva, no uso dos fenômenos linguísticos estudados.

3.2.2 Alçamento das vogais tônicas pretônicas e postônicas

Muitos linguistas têm analisado essa característica fonológica do português brasileiro Bisol (1981); Viegas: (1987); Bortoni-Ricardo (2005); Oliveira (1991); Carvalho (2013). Tais

pesquisas inspiram-se em dois aspectos: o neogramático e o de difusão lexical, em que Bisol (1981) destaca a harmonização vocálica já que a vogal média pretônica assimilaria a altura da vogal alta presente na sílaba tônica, assim em nossas entrevistas no (PB) encontramos exemplos de alçamento da vogal /e/.

14)...*Hãn.. na escola era o jogu **prefirido***(AF)²...

Sendo assim a vogal média alta /e/ presente em **pref[e]rido**, devido a influência exercida pela vogal alta /i/ presente na sílaba tônica, tende a ser pronunciada como pref[i]r[i]do em que é possível aferir mudança na oralidade de nossos informantes, fator perceptível e independente do nível de escolarização do falante, já que tem se tornado um uso comum no português falado no Brasil.

3.2.3 Metátese

Constitui a ocorrência de transposição de fonema que pode ser verificado na mesma sílaba e entre sílabas. No exemplo a seguir observamos o deslocamento da consoante para a sílaba anterior.

15)... *Parei **proque** depois veio os guri.* (AF)³...

Proque: *Nesse exemplo ocorre o deslocamento na sílaba onde o r troca de lugar com o.*

Bagno (2003) afirma que tais ocorrências estão correlacionadas ao arcaísmo, fenômeno comum às línguas que foram transplantadas de um lugar para outro. Câmara Jr. (2001) define tal fenômeno como “vocábulo, formas ou construções frasais que saíram do uso na língua corrente e nela refletem fases anteriores as quais eram vigentes”. Sendo assim, essas formas refletem o passado histórico da língua, portanto, seria uma mudança que ainda conserva-se no ambiente rural, como foi possível verificar em nossos dados. Bortoni-Ricardo (2005) afirma que trata-se de um traço descontínuo, ressaltando que esse é um fenômeno linguístico bastante estigmatizado na cultura urbana e letrada.

3.2.4 A iotização(lh>i)

² Feminino, 39 anos.

³ Feminino, 39 anos.

Segundo Aguilera e Costa (2006) o fenômeno da iotização é definido como caracterização da mudança da palatal /lh/ para a semivogal /y/ e que tal fenômeno subdivide-se em terminologias que são conhecidas por: despalatalização, iodização, ieísmo, e outros.

No presente trabalho tratamos apenas a iodização que constitui a transformação de um fonema em iode⁴: lactem >laite>leite. É bastante comum também no português brasileiro o uso de *muyé* por mulher (iodização do fonema /lh/).

Esta é uma variedade típica do dialeto rural onde ocorre a vocalização da consoante lateral palatal /lh/, substituída pela vogal /i/. Vejamos os exemplos a seguir, selecionados das entrevistas com nossos informantes.

16)...*Oía* foi uma infância bem tranqueira *machuquei o pé e saiu uma boia bem grande...*(AF39)⁵

17)... *Jogar baraio, iscondi -iscondi...*

Uma das explicações para o fenômeno supracitado é o seu processo formação, já que a formação do /lh/ ocorre na ponta da língua ao tocar o palato, região muito próxima do ponto onde é produzido /y⁶/, assim por assimilação, como afirma Bagno (2003) somos levados a essa transformação, para facilitar a comunicação.

3.2.5 Metaplasmos por subtração: a supressão do /r/

Coutinho em sua Gramática histórica (1996) traz as modificações fonéticas que sofrem as palavras na sua evolução que são chamadas de metaplasmos, esses fonemas são constituintes do material sonoro da língua portuguesa e estão sujeitos à lei das transformações que ocorrem no tempo e no espaço e também no contexto lingüístico, dentro de um determinado sistema lingüístico.

Essas alterações ocorrem, inconscientemente, em cada geração e com o passar do tempo elas podem ser percebidas mais visivelmente. Segundo Coutinho (1976), tais

⁴ Segundo Câmara Jr (2001 p.83). Consonantização – dá se o nome á mutação (v.) de uma vogal alta, cuja emissão passa a ser feita com um estreitamento excessivo do canal bucal; ela adquire assim um caráter fricativo, já consonântico, tornando se uma semi-consoante ou UAU (VAU) conforme o caso. Foi o que sucedeu com i e u pré –vocalicos latinos que eram semi-vogais, ou vogais de caráter assilábico. Essa consonantização foi a primeira fase da evolução final, respectivamente para /z'/ (cf. iactus<jeito) e para /v/ (cf.uini< vinho).

⁵ Feminina, 39 anos.

⁶ Símbolo utilizado para representar o /i/ de pai.

modificações fonético-fonológicas podem ser de quatro espécies, a saber: troca, acréscimo, transposição e supressão.

O metaplasmo por subtração reduz fonemas à palavra e pode ser subdividido em: aférese, síncope, haplogia, apócope, crase e sinalefa ou elisão. Abordamos o que diz respeito à apócope, que é a queda de fonema no fim do vocábulo, por exemplo, nesta pesquisa, o apagamento do fonema /r/ no final de palavras como: cantar (cantá), escrever (escrevê) e partir (parti) bastante comum nos dados de nossas entrevistas.

Luchesi (2004, p.149) faz uma comparação entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), tratando sobre a tendência existente no (PB) de constituir sílaba do tipo CV (consoante + vogal), levantando a hipótese de que a apócope é fundamental na supressão do /r/ no infinitivo verbal em função dessa tendência, por exemplo, “cantar >cantá”, transformando a sílaba CVC [tar] em CV [ta].

A supressão do /r/ em sílaba final de vocábulo, já não é um fenômeno tão recente no Brasil, de acordo com Votre (1978) já havia manifestações desse fenômeno nas peças de Gil Vicente, durante o século XI. Oliveira (2001, p.5) afirma que essa realização aparecia no teatro, como característica da fala do negro e, durante muito tempo, foi também identificada como própria dos estratos sociais menos favorecidos da sociedade.

Depois do período do português arcaico é que o fenômeno de apagamento do /r/ em final de vocábulo se estendeu às diferentes classes de palavras e estratos sociais, visto que era inicialmente comum nas formas verbais de infinitivo.

Podemos perceber atualmente a ocorrência desse fenômeno também em sintagmas nominais como: mar (má), flor (flô), senhor (sinhô). Porém essa variação é mais recorrente nas regiões sudeste e nordeste do Brasil, não constituindo fator determinante em nosso *corpus* de pesquisa, da fala da comunidade quilombola tia Eva.

Simões (2006, p.72) propõe a reflexão de que a relevância das tendências fonéticas naturais da língua podem ainda estar “pautadas na lei do menor esforço, isto é, no favorecimento da simplificação articulatória”.

A ausência do /r/ final é um traço gradual no (PB) nas formas de infinitivo verbal, sendo um recurso linguístico recorrente no português falado no Brasil, o /r/ em final de palavras. É um fenômeno ocorrente em substantivos e adjetivos que desaparecem na oralidade já que não ocorre a pronúncia desse segmento. De acordo com Bortoni-Ricardo (2005) essas diferenças com frequência se apresentam entre a variedade usada no domínio do lar, em que

predomina uma cultura de oralidade, nas relações permeadas pelo afeto e informalidade e a cultura de letramento, como a que é cultivada na escola.

Callou (1998) afirma que a supressão do /r/ pósvocálico é vista em determinadas situações como popular e incorreta, embora seja encontrada em diversas classes sociais, idades e graus de escolaridade. Sendo assim, não seria procedente, com base nessa e em outras pesquisas já realizadas, atribuí-la aos incultos ou a uma classe desfavorecida economicamente, já que sua realização tem se estendido aos mais diversos estratos sociais e graus de escolaridade.

E ainda segundo Bagno (2007, p.148):

O apagamento do /r/ nos infinitivos caracteriza o vernáculo de todos os brasileiros. Nas demais palavras, é mais freqüente em determinadas variedades regionais (como as nordestinas). Daí a impropriedade de usar grafias como CANTÁ, VENDÊ, SAÍ, como representativas da ‘fala popular’, já que elas também caracterizam os falantes urbanos escolarizados.

Já nos casos de manutenção e supressão do /r/ pósvocálico nas formas verbais, em nossa fundamentação teórica observamos, analogicamente, a tendência da lei do menor esforço, fenômeno presente na fala brasileira, constituindo, portanto, a sílaba CV (consoante + vogal), como por exemplo: “andar >andá” transformando a sílaba CVC [dar] em CV [dá].

Portanto, constatamos que o apagamento do /r/ final é mais recorrente em sintagmas verbais, fenômeno já observado por linguistas como: Oliveira (2001), Monaretto (2002), Luchesi (2004), Bagno (2007) entre outros.

Nesse contexto, faz-se necessário entender que toda língua falada por qualquer povo, é viva, em que a mudança linguística sempre será evidente. Assim, a mudança na língua só é possível porque ela é lenta, gradual, quase imperceptível na comunidade em que ocorre. Portanto, a mutabilidade linguística é o reflexo que aparece em todo e qualquer agrupamento linguístico, pois a língua é usada e, se usada, é viva e cheia de sutis alterações que a vão se modificando lentamente, ao longo do tempo e conforme a situação em que se encontra o falante.

Eugênio Coseriu (1979, p.63) aborda a condição de mutabilidade quando diz que “ela é característica essencial e necessária da língua” porque “a língua não está feita, mas sim, faz-se continuamente pela atividade linguística”. Afirma, ainda, que “a língua muda porque é falada e o falar é atividade criadora, livre e finalista, e é sempre novo”. Sendo assim, a sociolinguística tem muito para contribuir na compreensão das diversidades e variações, uma

vez que somos indivíduos plurilíngues em nosso próprio idioma, em que variamos a nossa forma de falar para nos entender no seio da comunidade em que vivemos.

3.2.5.1 Contrastes na língua crioula da Guiné Bissau

Uma vez que nossa pesquisa tem o intuito de tratar de forma descritiva o (PB) e a língua crioula da Guiné Bissau (CG), fizemos um paralelo relacionando a presença da supressão do /r/ no (CG) e no (PB), para traçar o perfil linguístico de nossos informantes.

Apresentamos, a seguir, um recorte de uma entrevista na língua crioula da Guiné Bissau, que soma à hipótese de aproximação de influência afro, já que podemos constatar nesses dados a ausência do /r/ pósvocálico nas formas verbais de infinitivo.

INQ: *família família mais ou menos bota fala de bu família mais ou menos família em geral.*

INF: *Ñ família... ñ família suma atene famílias suma a por exemplo a mim mas nos erabacuatro. N mame infelizmente bin morre mas a nos... nosta consegui consolida um com otro nos ta consegui consolida um com otro suma a maneira que nos mama nos mama um com outro nos gosta um do outro geralmente si senta N i kapudi **sentá** ta pensa neles assim pensa ki tafazi ñ família nos talvez um outro cosa u kapudi fala mas questão de família N tene respeito um com otro N tasinti próprio manera que a nos é ermom (entendi que amor , família é amizade) entihunnpabiadi que amizade próprio e senti é amor na família assim ki u tasintielis próprio si N ka está ou riba i ta corre na em mim e **senti**Kumaestaba N pensa siempre.(DFCEG 30)⁷*

De acordo com Luiz Ferraz Valkhoff (1975) o cancelamento do /r/ em final de palavra é uma influência africana no falar crioulo, que modifica a estrutura silábica: jogar /zugá/, o que pode aproximar o português brasileiro das influências afros, embora não devamos atribuir ou caracterizar tal variação como, unicamente, afrorural e, sim, que está mais relacionada ao contexto geral da formação do português brasileiro e suas raízes históricas das línguas que influenciaram a sua formação linguístico-histórica, sejam elas indígenas, africanas e ou europeias.

A discussão acima, embora já abordada por diferentes estudiosos das línguas, tem o seu diferencial em não tratar o fenômeno de apagamento do /r/ em pontos que se referem ao distanciamento ou aproximação deste, com a hipótese de que ele seja uma possível tendência românica ou afro, considerando que tal variedade está presente de forma marcante no falar em todas as regiões brasileiras.

Em nossos dados encontramos os seguintes exemplos:

⁷ DFCEG 30, Feminino, 30 anos Guiné Bissau.

18)... *Os conselhos que eli me davam né em matéria assim de **anda** com más companhias essas coisas assim negocio difazé coisa errada e os conselhos que eli dava, (AF,25)⁸.*

Tais ocorrências constatadas em nosso *corpus* corroboram o estudo já realizado por Marilúcia Barros de Oliveira em sua dissertação de mestrado (2001) que aborda a manutenção e apagamento do /r/ final de vocábulo na fala de Itaituba, afirmando que:

O /r/ já tinha sofrido algumas transformações durante o período latino: quattuor> quatro, semper> sempre, inter>entre. Esse tipo de transformação, a metátese, que consiste no deslocamento do /r/ para junto da consoante precedente, segundo Coutinho (1976), parece ter sido implementada no latim vulgar, o que vai ao encontro da afirmação de Melo (1981), que diz serem alguns desses fenômenos ocorrentes na língua portuguesa, antes uma característica românica do que uma influência dos afroameríndios, pois os tais fenômenos não são exclusivos do português do Brasil (p.59).

Diante do exposto, podemos inferir que o apagamento do /r/ final não pode ser atribuído, unicamente, à ação africana sobre a nossa língua, embora nosso *corpus* seja constituído do falar de remanescentes quilombolas. Acreditamos que a posição débil em que o fonema se encontra favoreça a tendência à supressão e leva os falantes a utilizá-la como uma forma de facilitar a comunicação.

3.2.6 A alternância do /v/ e /b/

A alternância de /v/ e /b/ é um fenômeno comum no Português Europeu é também registrada em determinados vocábulos da língua portuguesa falada no Brasil. Nesse sentido, Nascentes (1953, p.52) registra que:

o /v/ inicial muda em /b/ em algumas palavras: *varrer-barrê, vagem-bage, verruga-berruga, vassoura-bassora*” e salienta que isso se deve, sobretudo, ao fato de esses dois sons serem, do ponto de vista articulatório, muito vizinhos. “Basta uma pequena abertura para o /b/ explosivo passar a /v/ fricativo”. O dialetólogo conclui, ainda, que “uma vez estabelecida a confusão dão-se mudanças inteiramente arbitrárias.

Nesse ponto, com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística, há de se perceber que esta arbitrariedade, a que Nascentes (1953) se refere, pode ser contestada

⁸ Feminino, 25 anos.

sob as influências de variáveis não apenas linguísticas, mas também sociais, na realização ou não do fenômeno linguístico em questão.

Analisando ainda os dados em perspectiva da Linguística Histórica, isto é, da passagem do latim vulgar ao português, Huber (1933, p. 102) observa que essa mudança é muito antiga, pois o /b/ passa a /v/ entre vogais: *habere*>*aver*, *debita*>*devida* (dívida), *móBILE*>*movil* (móvel). Diz ainda que o /b/ caiu entre vogais, além da queda do /v/ na terminação do imperfeito – *eba*>*ia*, em *ibi*>*i*, ‘aí’, *tibi*>*tivi*.

Diante do exposto, tratamos a alternância de /v/ e /b/ presentes na oralidade do português brasileiro, observando sua presença na fala estigmatizada da sociedade e buscando entender que tal mudança não é arbitrária, mas motivada pela história sociocultural de nosso país e da nossa língua em uso no seio da comunidade.

A língua portuguesa e sua origem no latim vulgar opôs - se ao latim da classe dominante. Essa variedade da língua latina que era falada pelos soldados romanos, portanto, uma forma coloquial, tornou-se mais flexível e expressiva com o decorrer dos anos, recebendo influências das línguas dos territórios conquistados, e de fatos históricos e políticos como: as expansões marítimas, que tiveram grande importância na expansão do idioma por várias regiões da África, Ásia e América.

Os falantes da língua lusófonas são: portugueses, brasileiros, africanos e alguns asiáticos estes que a reconhecem como instrumento de comunicação oral e cultural. Portanto, o português não está concentrado em um território contínuo. Assim evidencia-se como língua pluricontinental, característica que permite inúmeras variações e interferências das demais línguas em contato.

Ao realizar estudos que se concentram nas línguas dos escritores europeus ou brasileiros, há a sensação de unidade linguística, mas ao tratar da língua falada em duas regiões (dialetos) ou grupo sociais (socialetos), é possível observar, com clareza, a heterogeneidade das diversidades linguísticas presentes na língua portuguesa falada e escrita no Brasil e no mundo.

Podemos observar a divergência da língua brasileira e da europeia no campo fonológico e gramatical. Um estrangeiro ao ouvir um brasileiro e um português (ou vice-versa) poderá notar como ocorre a marcação de diferenciação por meio do *sotaque*, pois essa pronúncia diferenciada está relacionada a distinções fônicas suprasegmentais ou prosódicas. Já a gramática do (PB) obedece, por questões hierárquicas e históricas, a norma do colonizador, fator evidente que levou Mary Kato e Roberts (1993) a falar de uma situação de

diglossia entre o padrão linguístico usado na escola e o português vernacular usado no dia a dia pelos diferentes falantes da língua, em situações de comunicação.

Diante dessas diferenças presentes na oralidade, abordamos, por meio da perspectiva dos estudos sociolinguísticos, algumas variações encontradas na alternância de uso dos fonemas /v/ e /b/ na fala da comunidade em pesquisa, levando em consideração fatores históricos sociais e até mesmo a grafia de algumas palavras, que podem interferir na variedade oral da língua falada em todo o território brasileiro, de modo especial na comunidade quilombola tia Eva.

Nos quadros a seguir, de dados colhidos em nossas entrevistas, é possível visualizar as transformações ocorridas na alternância dos fonemas /v/ e /b/ no português do Brasil ao longo do tempo, principalmente, com palavras adjetivas, substantivas e verbais.

Quadro 2 – Os adjetivos e a mudança do /b/ pelo /v/

Latim	Português
Amabilis	Amável
Accessibilis	Acessível
Affabilis	Afável
Acceptabilis	Aceitável
Probabilis	Provável
Possibilis	Possível
Immutabilis	Imutável
Sensibilis	Sensível
Compatibilis	Compatível
Agradabilis	Agradável
Durabilis	Durável

No português, os adjetivos terminados em **-vel**, provenientes dos latinos terminados em *-bilis*, formam os substantivos em **-(i)dade**, cuja terminação latina é *-bilitas* ou *-bilitatis*:

Quadro 3 - Os substantivos e os casos em que não ocorre a mudança do /b/ pelo /v/

Latim	Português
Amabilitas	Amabilidade
Accessibilitas	Acessibilidade

Affabilitas	Afabilidade
Probabilitas/ Probabilitatis	Probabilidade
Possibilitas/ Possibilitatis	Possibilidade
Immutabilitas	Imutabilidade
Sensibilitas/ Sensibilitatis	Sensibilidade
Durabilitas/ Durabilitatis	Durabilidade

A maioria, porém, dos vocábulos com *-(i)dade* (*acessibilidade, amabilidade, afabilidade*), formados do latim *accessibilis, amabilis, affabilis*, é de adjetivos com o sufixo. *-vel* (< lat. *-bilis*). No vernáculo, as formações a partir de adj. em *-vel* acrescidos de *-(i)dade* passam a apresentar a forma latina *-bil-*, segundo o modelo erudito, daí: *adaptável>adaptabilidade, aplicável>aplicabilidade, compatível>compatibilidade, confiável>confiabilidade, disponível>disponibilidade* (Aulete digital).

Quadro 4 – Outros substantivos em que a troca de /v/ por /b/ são recorrentes

Latim	Português
Subrachium	Sovaco Variação: subaco
Vertere	Travesseiro Variação: trabissero
ScopaVersoria	Vassoura Variação: bassora
Verruca	Verruga Variação: berruga
Barbarus	Braveza Variação: brabeza

Quadro 5 - Os verbos e a mudança do /v/ pelo /b/

Latim	Português
Verrere	Varrer Variação: barrer
Sibilare	Assoviar

	Variação: assobiar ⁹
--	---------------------------------

No verbo “*barrer*” e em alguns substantivos da tabela anterior, que encontramos nas entrevistas, não foi possível relacionar à origem latina da palavra podendo esse fator ser motivos de estudos posteriores para tal variedade encontrada, seja na comunidade pesquisada ou fora dela.

O fonema /v/ fricativo, labiodental é trocado pelo sonoro /b/ oclusivo, bilabial. O fenômeno da alternância entre /v/ e /b/, que ocorre em algumas palavras do português (como por exemplo: atualmente diz-se Vasco – nome próprio – e país Basco) e em algumas variedades da língua falada, em que ocorrem “*bassora*” e “*barrer*” em vez de “*vassoura*” e “*varrer*”, pertencem a uma fase mais antiga da língua, ou seja, é uma variação que já ocorria no próprio latim e que o português a herdou, tendo em vista a proximidade do latim vulgar com o português vernacular, Coutinho (1976).

Assim, podemos dizer que a alternância /v/ e /b/ ocorre desde os primórdios da língua. Algumas vezes, houve troca em posição inicial: *uagina* > *bainha*, *uessica* > *bexiga*, *uotu* > *bodo*. Em posição medial, a vacilação também transformou /v/ em /b/: *auetarda* > *abetarda* > *oubatarda*, *auesthrutio* > *abestruz* (*avestruz*). Essa flutuação ocorre até hoje no português popular falado nas diferentes regiões do país: *assobiar/assoviar*, *varrer/barrer* (popular), *vassoura/bassora* (pop.), *travesseiro/trabissero* (pop.).

O /b/ do adjetivo latino “*amabilis*” transformou-se em /v/ em português, como em “*amável*”, mas o /b/ da palavra “*amabilidade*” permaneceu, ou seja, só nos adjetivos o /b/ mudou para /v/ permanecendo, portanto, em algumas palavras substantivadas.

Nesse contexto, quando se trata dos substantivos “*travesseiro*”, “*vassoura*”, “*verruca*”, há incidência na fala, geralmente popular, em que o falante continua fazendo as seguintes analogias “*trabiseiro*”, “*bassora*” e “*berruca*”.

Ao falar de uma tendência românica ou influência afro no (PVB) levantamos o assunto de discussões e debates de diversos linguistas, assim, nosso estudo vem somar à série de pesquisas realizadas por Luchesi, Baxter, Holm, Scherre e outros que analisam o (PVB) sobre a perspectiva sociolinguística da variação e possível processo de crioulização da fala afrobrasileira.

⁹ Aparecem as duas variações em alguns dicionários

3.3 Variações Morfossintáticas na Língua Portuguesa

3.3.1 Concordância Nominal e de Número na língua Portuguesa

Sana (2011) afirma que na norma padrão do português falado no Brasil, os fenômenos de concordância de número são considerados obrigatórios e redundantes e essas marcas devem-se repetir contendo a mesma informação em todos os elementos constituintes do Sintagma Nominal, assim ressalta Scherre (1997):

Na concordância dentro do SN, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural; na concordância do predicativo com o sujeito, repetem-se marcas formais de plural em todos os elementos flexionáveis dos predicativos quando o sujeito for formalmente plural; e na concordância verbal, colocam-se marcas explícitas de plural no verbo, quando o sujeito for formalmente plural ou quando for composto (p.182).

Assim, a variação na concordância de número é marcada pela identidade social do falante e o contexto social, em que as marcas de pluralidade, no complemento nominal, estão ligadas às variáveis sociais, étnicas, localidade, gênero, idade, escolaridade do falante. Sendo que a tradição gramatical, às vezes, não é aplicada à língua em uso no contexto social.

Já quando nos referimos à concordância de gênero no português, podemos inferir que tais variações estejam ligadas a nossa herança latina, em que ocorrem flexões distintas para o masculino, feminino e neutro.

Nessa pesquisa analisamos os seguintes tipos de Sintagmas Nominais:

1- Sintagma nominal de gênero flexionado de acordo com as normas gramaticais: *o menino, (o, a) artista.*

2- Sintagma nominal com variação na flexão: *...meu saúde, ...criada sozinho, na país, Um kosa,*

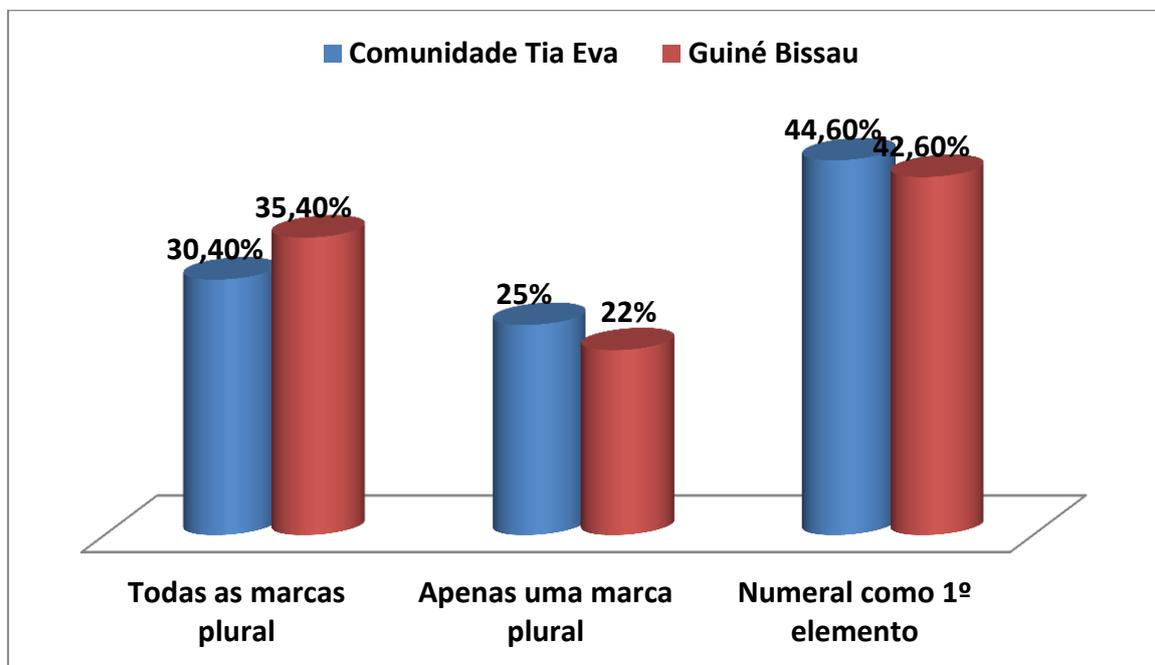
Como já fora afirmado anteriormente, se nas áreas rurais afro-brasileiras podemos encontrar, como afirma Silva Neto (1976), “a rigorosa observação dos falares rurais, aliada ao estudo comparado das adaptações do português na África e na Àsia, levar-nos-ia à aceitação de um estado linguístico paralelo no Brasil-colônia” p.48. Sendo assim, os estudos da concordância de gênero na fala rural de Luchesi (1999), Scherre (1989), Careno (1997) têm

vido ponto proeminente para os estudos que aproximam o (PVB) das estruturas do processo de criouliização, em que podemos notar que na comunidade afropesquisada, os falantes apresentam características similares aos resultados dos dados das pesquisas supracitadas.

A ausência de flexão é uma das ocorrências que se justapõe a uma das características que confirmam as hipóteses de Holm (1999) de possível semi-criouliização da língua brasileira que teria uma estrutura, parcialmente, reestruturada, diferente das construções europeias.

Vejam os o mapa a seguir, que traz a distribuição das marcas formais de pluralidade na comunidade quilombola tia Eva.

Gráfico 1 - Da distribuição das marcas de pluralidade nas comunidades pesquisadas



Na comunidade tia Eva, a variante *Uma marca plural no SN*, teve presença de 25% na fala, sendo essa a menos utilizada pelos falantes, embora não muito distante esteja o uso de *todas as marcas de pluralidade* com frequência de uso 30,4%.

Diante dos resultados e dos percentuais, podemos dizer que a variação mais acentuada é aquela em que há a presença de apenas *Numeral como primeiro elemento* no SN, seguidas das ocorrências de *Todas as marcas de plural* e por último, os acontecimentos em que há *Apenas uma marca plural*

O uso de *Apenas uma marca de pluralidade* corresponde ao uso da forma variante da língua, e na comunidade tia Eva é a menos empregada, porém se faz presente, ou seja, os dados dessa comunidade são corroborados com os resultados apresentados por Scherre (1997), em que há tendência do falante utilizar apenas uma marca de plural, geralmente, no 1º elemento do SN, para facilitar a comunicação linguística no momento da enunciação e o uso do numeral para marcar a pluralidade na fala da comunidade.

Sendo assim, observamos que na Comunidade tia Eva e na Guiné Bissau, a marca de pluralidade mais usada é o numeral como 1º elemento e, por último, a variação de uma marca de plural no SN. Na comunidade guineense o fator se explica ao considerarmos os aspectos geográficos que facilitam o contato da língua guineense com o português de Portugal, o que pode remeter ao uso, em menor escala, das variações e uma maior aproximação à norma padrão do português europeu.

Assim, podemos levantar as hipóteses de uma influência ou possível processo de criouliização da língua brasileira no passado? O (PVB) pode ser considerado como um semi crioulo? Silva (1976, p. 71) defende a hipótese de que o Brasil apresenta vestígios de crioulo, diante das interpenetrações entre as populações rurais e urbanas.

Nas cidades, há marcas desse falar nos iletrados ou em pessoas de pouca escolarização. Como é a escola que promove o “reaportuguesamento”, ele é mais intenso nas cidades. E para o autor, um dos vestígios apontados desse crioulo é o “desaparecimento” da flexão numérica por meio do fonema [s] usado para marcar a pluralidade, em oposição à marca de singular [Ø].

Podemos dizer que essa supressão da desinência de plural corresponde ao nosso dado de *Uma marca de plural* que foi a variável menos encontrada nos dados de nossa pesquisa na Comunidade tia Eva, ocorrendo apenas em 25% dos casos analisados. Devemos levar em consideração fatores geográficos e sociais que favorecem a comunidade, principalmente, o fato de haver uma escola na comunidade para aprendizagem do ensino padrão.

Na comunidade da Guiné Bissau encontramos um total de 74 ocorrências de SN com essas variedades, por isso, é válido ressaltar que a população vive um processo de criouliização e apresenta as características dos crioulos na redução das flexões que indicam concordância de gênero e número no sintagma nominal.

Desse total geral de 74 ocorrências, encontramos os casos com *Todas as marcas de plural* que correspondem a 35,4% sendo a variedade mais utilizada nos dados da Guiné Bissau, já a variável *Uma marca de plural* apareceu 20,3% de presença na fala dos

informantes guineenses, o *Numeral como primeiro elemento* com percentual de 44,6%, sendo assim, seria essa a variedade mais usada da fala da Guiné Bissau, para marcar o plural no SN.

De todos os dados coletados para a pesquisa, os da Guiné Bissau foram os com menor número de ocorrências na variável concordância numeral, esse percentual remete às características das línguas crioulas já que nessas não há obrigatoriedade de marcador de plural e, todos os constituintes do sintagma nominal.

De acordo com Marques (1983) nas línguas “bantos” os Sintagma Nominal são marcados em sua maioria por prefixo e não por sufixo, então podemos dizer que esse uso do *numeral no* início do sintagma, para designar o plural, ocorre devido à gramática do substrato estar presente na fala guineense.

No fator de não obrigatoriedade do marcador de plural como traço das línguas crioulas, temos que pontuar divergência dos conceitos sobre suas definições, pois ao *analisarmos* o áudio de nossas entrevistas, percebemos o uso de marcadores de pluralidade com uma determinada frequência, fator que pode indicar uma nova etapa no processo de crioulização da língua guineense, que só poderá ser comprovado por estudos mais aprofundados na região e comparação com outras fases da língua.

3.4 Os tipos de negativa no português brasileiro e no crioulo da Guiné Bissau

Nas duas comunidades pesquisadas (tia Eva e Guiné Bissau) os entrevistados de nossa pesquisa, para a análise da variável negação do português brasileiro, detectamos cinco tipos possíveis de casos, que são as variáveis linguísticas testadas nesta pesquisa:

1-Não+ SV (negativa préverbal) “*Não intindi;*” “*Não quero*”;

(Não + Sintagma Verbal)

2- Não + SV+ NÃO (dupla negativa). “*Não vô não*”;

3-SV+ NÃO: “*Sei não;*”

Elemento negativo no Sintagma nominal

4- “*El i kasibi nada*”; “*Ninguém disse nada*”

5- O uso do né (não + é) no final de frase. “*Você disse...né? ...*”

Na norma padrão do português falado no Brasil, os fenômenos de concordância de número são considerados obrigatórios e redundantes, em que as marcas se repetem contendo a

mesma informação em todos os elementos constituintes do Sintagma Nominal, como muito bem ressalta Scherre (1997):

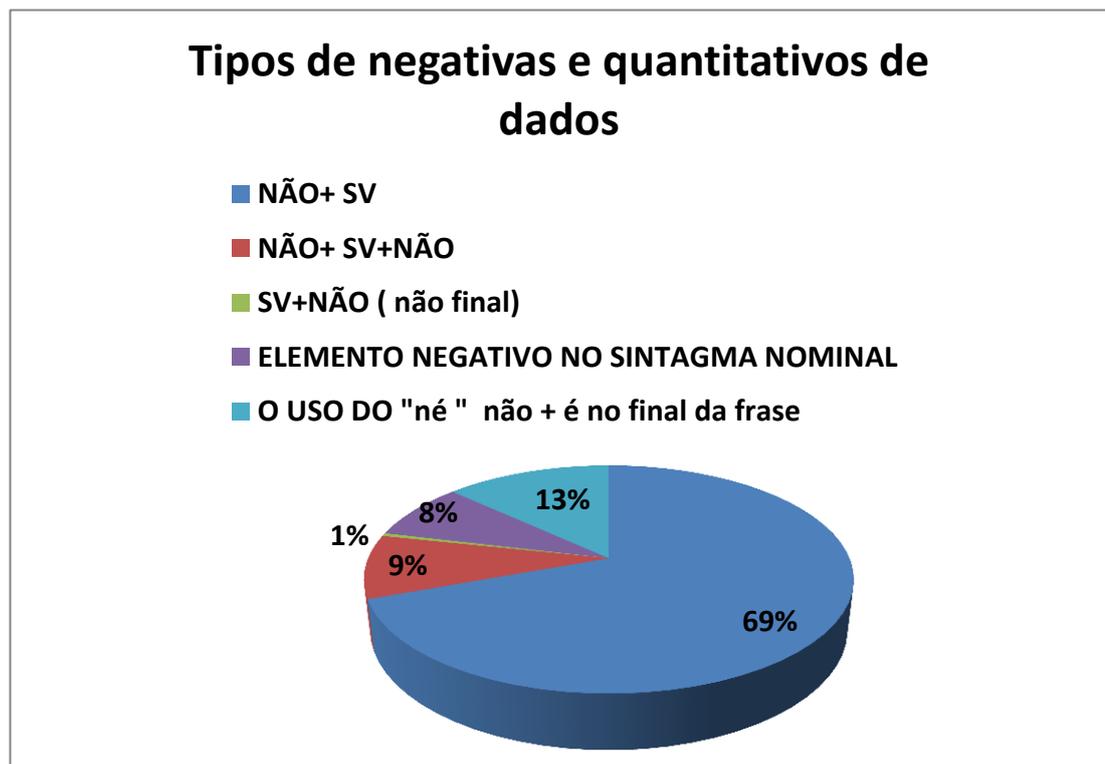
Na concordância dentro do SN, colocam-se marcas explícitas de plural em todos os seus elementos flexionáveis quando o núcleo do sintagma for formalmente plural; na concordância do predicativo com o sujeito, repetem-se marcas formais de plural em todos os elementos flexionáveis dos predicativos quando o sujeito for formalmente plural; e na concordância verbal, colocam-se marcas explícitas de plural no verbo, quando o sujeito for formalmente plural ou quando for composto (p.182).

A variação na negação é marcada pela identidade social do falante e o contexto social, em que as variações da negativa estão ligadas a variáveis sociais como etnia, localidade, gênero, idade, escolaridade do falante. Sendo que a tradição da gramática, às vezes, não é, totalmente, aplicada à língua em uso no contexto social.

Para exemplificar os dados das entrevistas elaboramos os gráficos a seguir, em que o primeiro remete às diferentes formas de negações e as suas ocorrências nas comunidades estudadas e as porcentagens de ocorrência do fenômeno linguístico na comunidade alvo de pesquisa.

Vejam os dados dos gráficos a seguir:

Gráfico 2 - Tipos de negativa e quantitativos de dados coletados do *corpus* da pesquisa



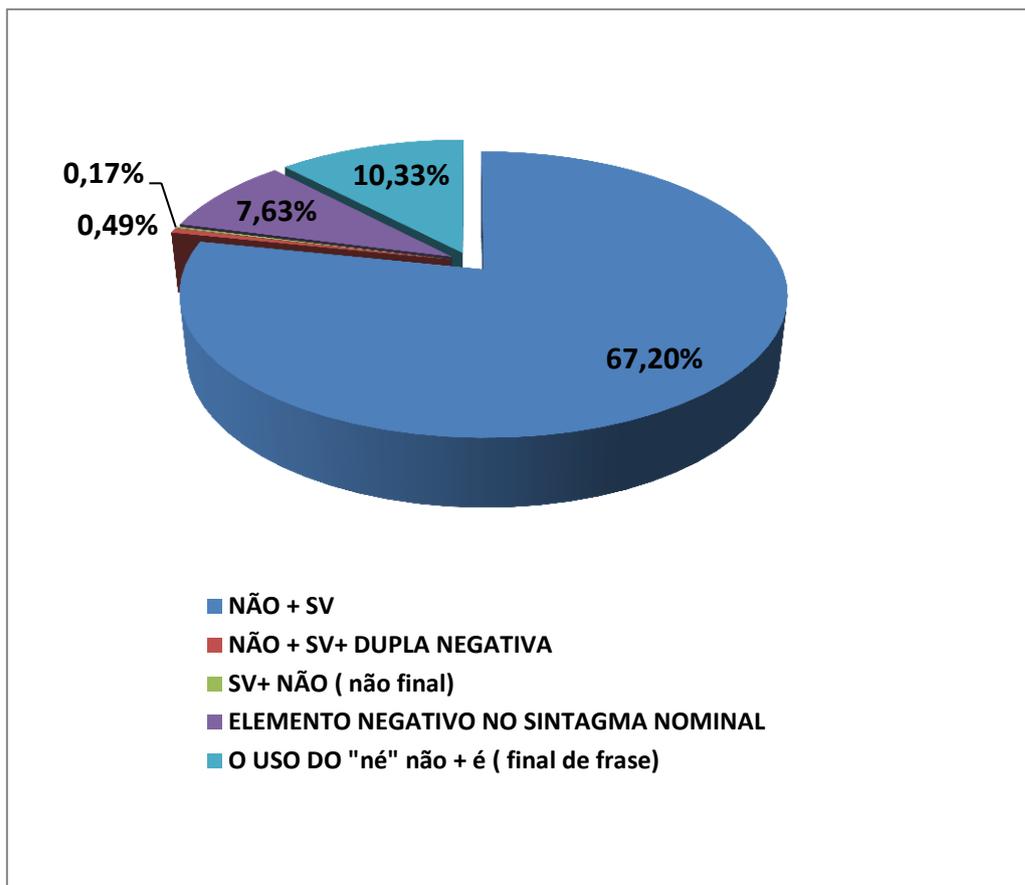
Observando o gráfico 2, vemos que a prevalência na comunidade pesquisada é a negativa pré-canônica, porém, não podemos deixar de considerar que a natureza interativa da fala pode ser a responsável por tal acontecimento, uma vez que na oralidade, ao realizarmos um interrogatório, podemos ter as respostas diretas iniciadas pelos advérbios de afirmação ou negação.

A ocorrência de dupla negativa, o não final, elemento negativo no sintagma nominal e uso do “NE?” no final de frase, aparecem como formas inovadoras do discurso falado, ocorrendo em menor escala, mas de maneira significativa nos estudos de língua em comunidades quilombolas, de modo especial na comunidade tia Eva.

Se estamos lidando com uma mudança linguística em curso é provável que encontremos algumas diferenças na ocorrência das variantes supracitadas nos falantes mais velhos e mais jovens, sejam homens ou mulheres. Assim, o gráfico seguinte mostra a frequência relativa das negativas nos dados da fala, de acordo com o grau de escolaridade dos falantes.

3.2 Distribuição das negativas vs variável escolaridade do falante

Gráfico 3 - O uso das negativas por informantes que concluíram o Ensino Fundamental



Nota-se que, nos dados da fala, quanto mais alto o grau de escolaridade do falante, menor a ocorrência das negativas dupla e pósverbal. É na fala dos estudantes do ensino fundamental que se encontra a maior frequência de uso das duas construções negativas. Portanto, há uma correlação entre grau de escolaridade e, conseqüentemente, idade, e o uso das diferentes estratégias de negação. Temos assim, uma influência do processo educativo no uso dos mecanismos de negação, uma vez que o ensino normativo proscreve o emprego, típico das situações mais informais ou coloquiais, de mais de uma marca de negação na mesma sentença, usada, no sentido de dar ênfase à mensagem a ser transmitida pelo falante.

Quando observamos o fator negativa pósverbal e o baixo índice de ocorrência, acreditamos que podem estar relacionados aos instrumentos de coleta de dados dessa pesquisa, uma vez que as gravações de relatos são realizadas pela estimulação do falante por intermédio de perguntas. Assim o *corpus* não representa a conversação natural, em que a negativa pósverbal ocorre em sua maioria como respostas às indagações diretas.

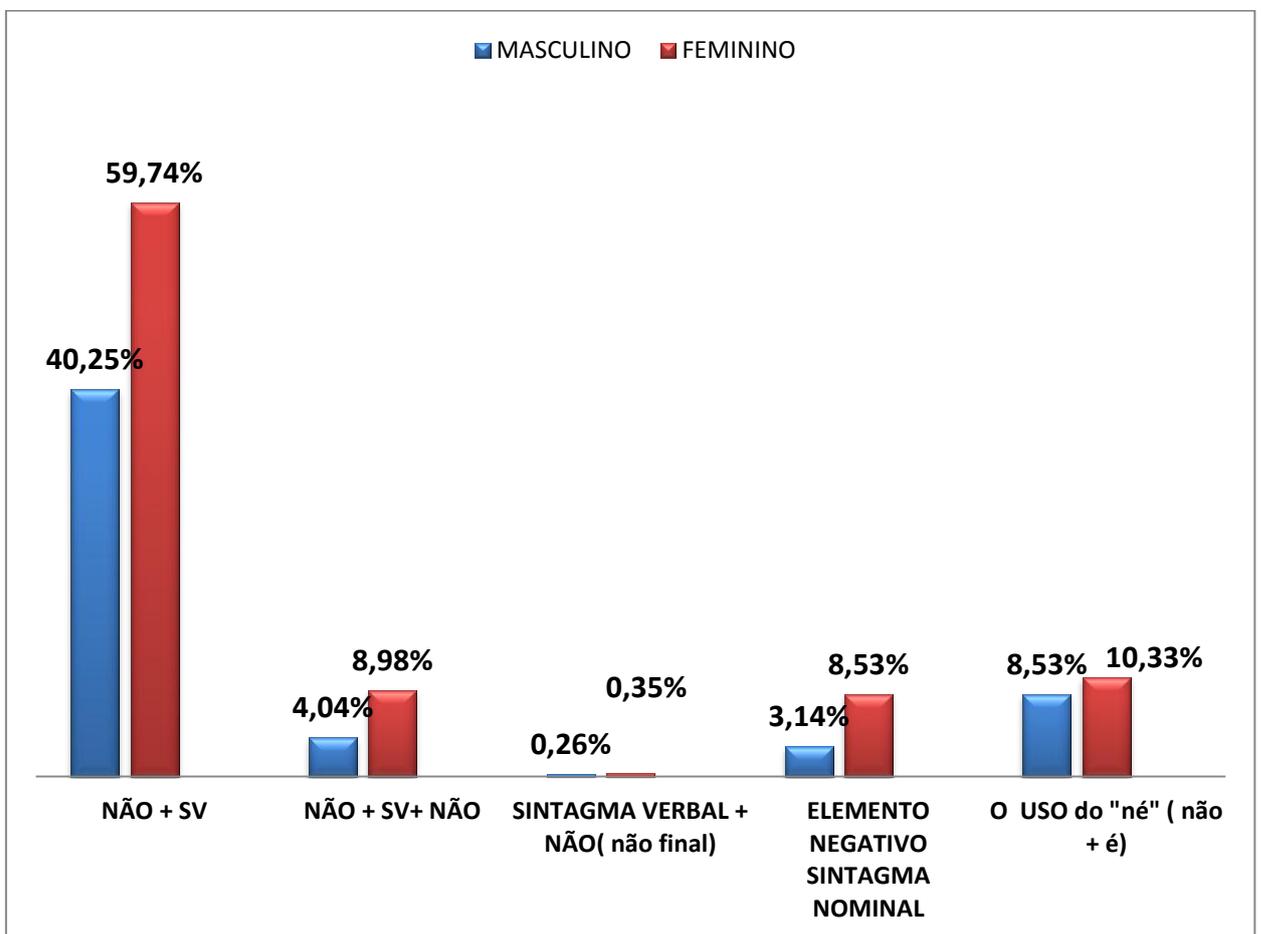
Vejamos o exemplo, a seguir, selecionado de nossas entrevistas em que a pesquisadora pergunta se o informante sofreu algum trauma na infância e esse responde à pergunta fazendo uso da o não pósverbal.

19)... por *enquanto que eu tô lembrado ainda não...*(INF. M1 29¹⁰)

Quando falamos do elemento negativo e o uso do *né?* no final das frases, podemos inferir que os falantes com maior escolaridade, nesse caso, fizeram maior uso das variedades inovadoras, portanto, não podemos afirmar no que se refere aos usos das negativas, a influência da escolarização no uso da variável negativa no português falado na comunidade quilombola tia Eva.

3.3 Distribuição das negativas vs variável gênero do falante

Gráfico 4 - distribuição das negativas vs variável gênero do falante



De acordo com os dados do gráfico 4, podemos inferir que as mulheres da comunidade tia Eva fazem mais uso da variante padrão do que os homens, ou seja, mulheres e homens falam diferente, fato que confirma as afirmativas de Paiva (1994) e Scherre (1997). Uma vez que nas entrevistas femininas observamos maior presença do “Não+ SV”, portanto, supomos

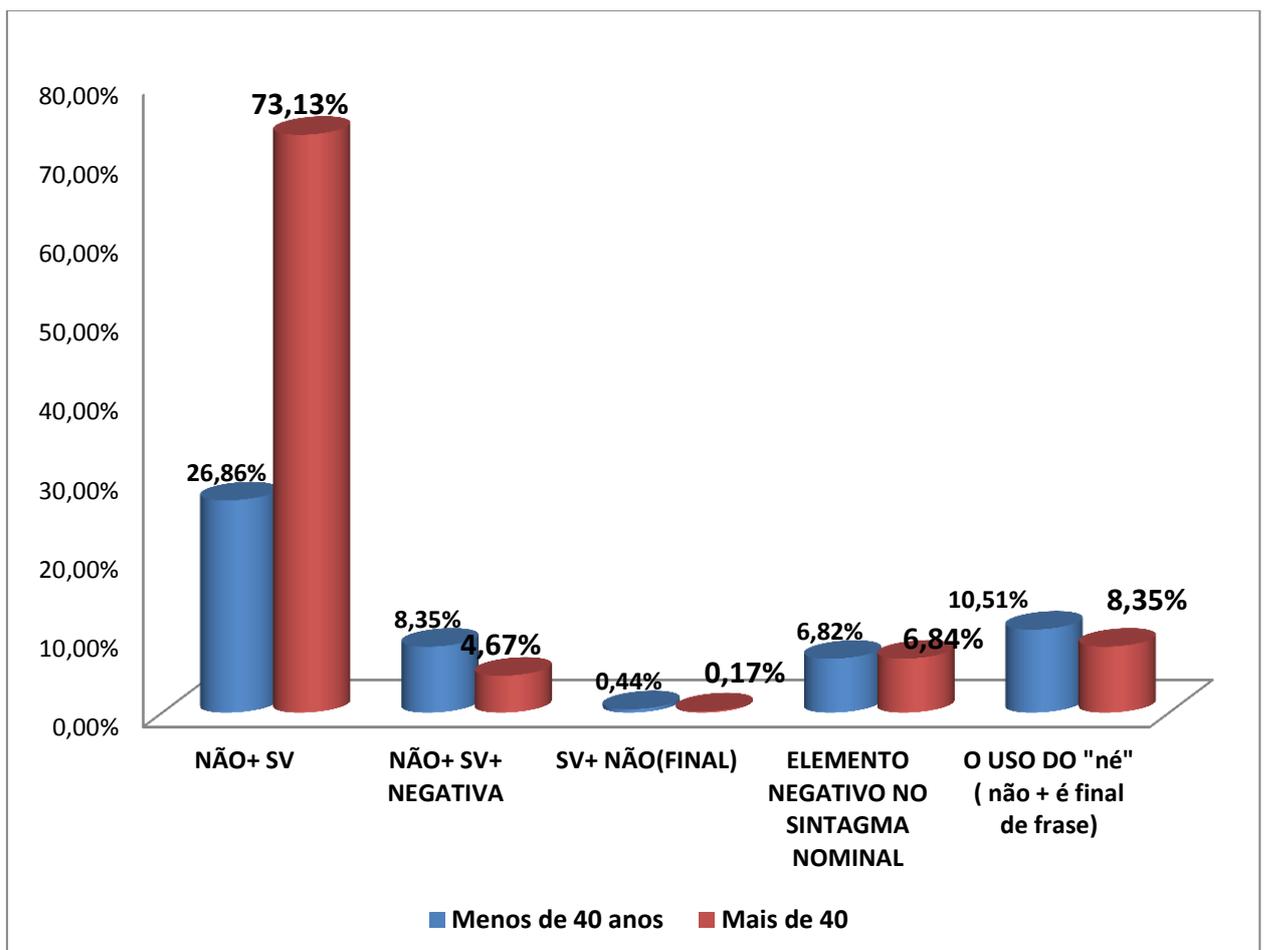
¹⁰ Informante do sexo masculino 29 anos.

que o ato faça parte da natureza feminina, uma vez que, fazer maior uso da norma padrão é uma característica do falar delas.

Portanto, de forma geral, percebemos que as mulheres apresentam maiores índices de uso da norma padrão e também fazem maior uso das inovações e variações da língua visto que, nas análises dos dados apresentados, há maior incidência de usos das formas variáveis de negativa na fala delas, enquanto nos homens verificamos menores percentuais de uso, isto é, o falar das mulheres comprova que elas têm mais facilidade para transitar entre a modalidade padrão da língua e o desvio linguístico, dependendo da situação em que se encontrem no momento da comunicação linguística.

3.4 A distribuição das negativas vs variável idade do falante

Gráfico 5 - Distribuição das negativas vs variável idade do falante



Observando o gráfico 5, podemos confirmar a hipótese segundo a qual, aqueles com mais de 40 anos de idade fazem mais uso do “*Não + SV*”. Nas entrevistas colhidas, as ocorrências do “*Não + SV*” com mais de 40 anos constituem a dominante.

Os mais jovens, por sua vez, usam mais as variações, no entanto, é necessário lembrar que há fatores e marcas da negação que podem ocorrer como características próprias da comunidade falante, ainda vale ressaltar que estamos estudando também a relação afrodescendentes e africanos e esse fator vem somar o nosso trabalho aos estudos comparativos da fala afrorural de Andrade (2003) em que a autora afirma que, em suas análises é possível dizer que as variações da língua portuguesa brasileira se devem aos fatores de sua formação histórica e social, que é marcada pelo contato de línguas afro, indígenas e europeias.

Quando observamos a dupla negação na comunidade tia Eva, percebemos que as variações encontradas corroboram as pesquisas realizadas por Careno (1997) no Vale Ribeira, em que a autora defende que tais variações seriam de procedência africana, e isso vem somar às nossas hipóteses, uma vez que nossa pesquisa se encontra no mesmo contexto étnico social da de Careno (1997).

Com certeza, não podemos atribuir as variações da formação da negativa apenas às origens africanas, porém, podemos inferir que a negativa dupla constitui traços linguísticos dos afrodescendentes da comunidade quilombola tia Eva em Campo Grande MS.

3.5 Comparação do Crioulo Guineense & Português Brasileiro

Para complementar nossa pesquisa, estabelecemos um paralelo entre a formação da negativa no português brasileiro e no Crioulo Guineense, para verificar pontos que divergem e aproximam a língua brasileira das línguas africanas, no sentido de verificar os contextos de uso e a estrutura da negativa nas regiões estudadas.

3.5.1 As línguas em contato

O crioulo guineense, também objeto de nosso estudo, é uma língua de base lexical portuguesa falada por cerca de 40% da população na Guiné Bissau (ROUGÉ, 1986, p. 28- 29) na região sul do Senegal. Na Guiné ela é reconhecida como língua nacional, compreendida e usada no dia a dia pela população e por parte dos guineenses.

Na Guiné há propostas de inserção de projetos de ensino bilíngue, embora o português seja a língua oficial do país constituindo o superstrato do crioulo e dando origem a maioria do léxico, em que questões identitárias e pós-coloniais tornam o crioulo um fruto de mescla cultural e de não aceitação da língua do dominante como produto de afirmação cultural, sendo assim, de acordo com Bonnici (2005, p. 33) na teoria do pós colonialismo “a língua num país colonizado transcende a função comunicativa do discurso e adquire um significado profundamente cultural”.

Existem controvérsias nas explicações do surgimento do (CG), mas algo que podemos afirmar é que: o superstrato é o português indo- europeu e substrato de maior relevância é o balanta, de acordo com Intumbo (2007).

O balanta pertence ao grupo oeste atlântico centro e constitui o que é designado por alguns teóricos como conjunto *banto* que hoje é classificado pelos linguístas pelo termo Níger- Congolês, integrando 1495 línguas na África.

Partindo desse contexto de língua em contato e de questões identitárias, o Brasil foi considerado o maior importador de escravos do mundo ao receber 38% de todos os africanos trazidos para o Novo Mundo (HOLM, 1991, p.299) e em sua maioria, de acordo com Petter (2008), os escravos trazidos, eram falantes das línguas Níger-congolês que constitui o maior grupo plurilinguístico.

Assim, durante o período da escravatura, as línguas afros e o português estiveram em contato, isso também ocorreu no domínio do povo Português na Guiné Bissau com o surgimento do crioulo guineense em que, segundo Intumbo (2007, p.7), culmina “no surgimento de uma língua híbrida, com características formais de ambas as línguas em contato, sendo geralmente a língua do dominador a fonte da maioria do léxico e as línguas de substrato, fonte de algumas estruturas e interferências fonético–fonológicas”. Neste estudo, não aprofundamos essa comparação, mas fizemos algumas constatações comparando a língua brasileira ao crioulo da Guiné Bissau, uma vez que de acordo com Coelho (1967, p. 431) “diversas particularidades dos dialetos crioulos se repetem no português falado no Brasil; tal é a tendência para a supressão das formas de plural”. O autor considera esta semelhança um fator que aproxima o português vernáculo aos crioulos de base portuguesa, fato que vai ao encontro de nosso estudo na comunidade quilombola tia Eva.

3.5.1.1 Crioulo definição

O Termo Crioulo começou a ser usado a partir do século XVI, postula-se uma origem portuguesa, de *criadouro*, ou de *criado*, particípio passado do verbo criar, do português o termo teria passado para o espanhol (criollo) e daí para o francês (criole – créole) assim, passou a ser usado para caracterizar o negro não nascido na África e o espanhol não nascido na Espanha.

De acordo com o dicionário etmológico do latim *creare* "to produce, create". O crioulo é visto como desqualificado, e o pretexto para que isso ocorra é a ausência da tradição na escrita. Segundo Decamp (1971), a cristalização de um crioulo é somente uma das soluções possíveis para a mescla de contato:

- O crioulo pode desaparecer, como o crioulo holandês, ou fase de extinção como o gullah de Sea Island nos EUA.
- Pode permanecer estável, o que é questionável, pois acreditamos na evolução das línguas. O que importa é levar em conta a relação do crioulo “estável” e a língua fonte.
- Pode fundir-se com a língua padrão, nesse estágio dizemos que se inicia um processo de descrioulização, isto é, instala-se o contínuo póscrioulo.

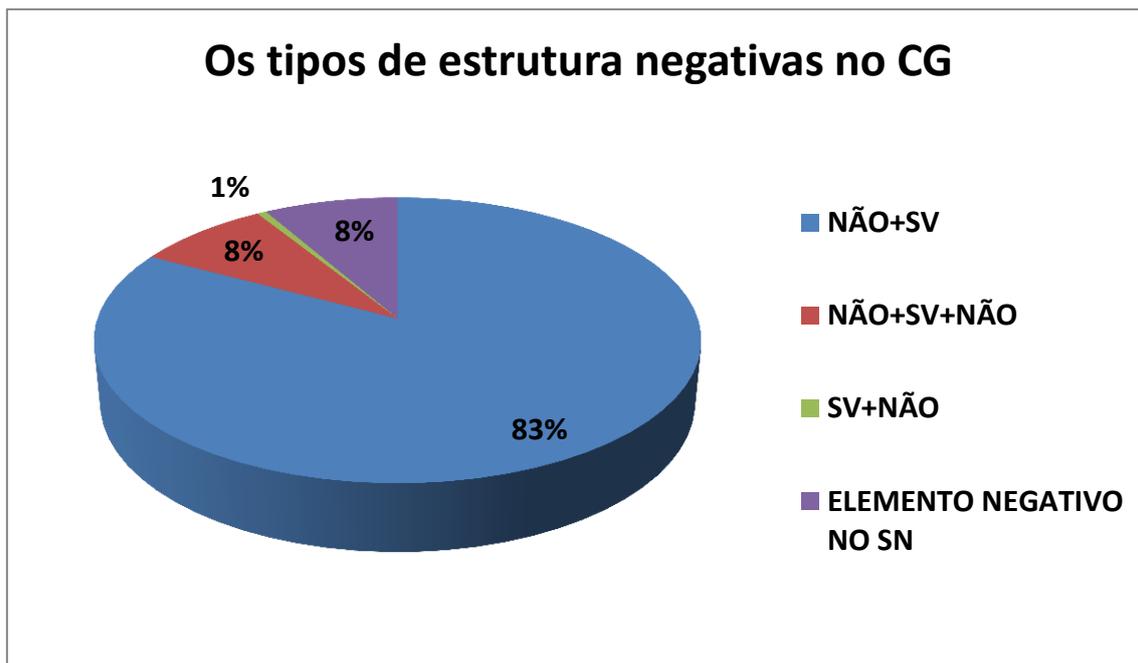
Até o surgimento da língua crioula e seu desaparecimento em uma comunidade há algumas etapas ou processos de pidginização e criouliização que recebem os nomes dados na seguinte sequência:

- Pidgin - cristalizado na língua pode surgir um Contínuo prépidgin;
- Pidgin em processo de despidginização (reabsorção pela língua fonte);
- Pidgin em processo de criouliização;
- Crioulo cristalizado;
- Crioulo em processo de descrioulização; contínuo póscrioulo.

A partir desses processos, tentamos identificar os possíveis processos comparativos da criouliização no (PVB) a partir das análises comparativas das comunidades estudadas no Brasil e na Guiné Bissau.

3.6 A negativa no crioulo da Guiné Bissau

Gráfico 6 – Distribuição das variáveis linguísticas no crioulo da Guiné Bissau



A negativa na língua crioula da Guiné Bissau ocorre de forma diferente, Castro (2013) e Intumbo (2011) afirmam que orações negativas são feitas com o marcador *ka*, mas também pode ocorrer com outros elementos no sintagma nominal como, por exemplo: *ninguin, nada e nunca*.

1º (NÃO + SV) A Negação + Sintagma verbal é o fenômeno de maior ocorrência nas entrevistas. Uma vez que temos um inquiridor e o informante, assim, podemos dizer que o modelo de inquérito utilizado pode ter influenciado pela maior incidência de dados nessa pesquisa.

O *Nau* indica o advérbio de negação no (CG) e respostas (fator que o difere da partícula negativa *ka*)

Vejamos os exemplos a seguir:

Abo i di Bissau ?

(Você é de Bissau?)

20) *Nau, ami da tabanka.*¹¹ (AMCG28)

(Não eu sou da tabanca)

Para melhor visualização tabulamos um dos nossos exemplos

¹¹ Masculino, 28 anos Guiné Bissau.

El	I	Ka	tene	BA	interesse ¹²
3SG ¹³	3SG	NEG.	SV	DMT ¹⁴	SN

No exemplo citado, observamos que a partícula negativa *ka* e a estrutura da língua crioula seguem o modelo das línguas SN+SV+O¹⁵, ou seja, a mesma estrutura das línguas românicas, portanto, encontramos algumas semelhanças na estrutura da língua crioula da Guiné Bissau e do português falado na comunidade quilombola tia Eva.

2º Não + SV + Não (dupla negativa)

A dupla negativa é um fenômeno comum e se faz presente na língua crioula da Guiné Bissau e no português falado na comunidade quilombola tia Eva, conforme os exemplos a seguir.

21) *El i ka sibi nada*¹⁶ (AFCG35)

(Ele não sabe nada)

Outro fenômeno linguístico que está presente no (CG) e no (PB) é a ocorrência de não apenas uma dupla negativa, mas há no exemplo a seguir uma negativa tripla.

22) *I ka misti nadanau*¹⁷ (AFCG35)

(Eu não quero nada não)

3º SV+ Não

É uma das variedades pouco encontradas em nossos dados, acreditamos que esse fator possa estar relacionado ao distanciamento das línguas crioulas do superstrato¹⁸, uma vez que tende a aproximar-se mais em sua estrutura gramatical das línguas de substrato¹⁹, fator que também é defendido por Intumbo (2004) quando este afirma que os fatores étnico-linguísticos do período da colonização portuguesa fez com que surgisse o Kriol ou Crioulo da Guiné

¹² Masculino, 25 anos.

¹³ 3 SG: Corresponde a 3ª pessoa do singular

¹⁴ DMT: Desinência modo temporal

¹⁵ SN: Sintagma nominal+ Sintagma verbal+ Objeto

¹⁶ Feminino, 35 ano da Guiné Bissau

¹⁷ Feminino, 35 anos da Guiné Bissau

¹⁸ Refere se a língua dos dominantes no período da colonização, no caso Portugal

¹⁹ Refere-se à língua do dominado, no caso as línguas de cada grupo étnico da Guiné Bissau

(como chamamos nesta pesquisa). Assim, muitos povos diferentes falando muitas línguas e mais a presença da língua europeia lusitana resultou num contato linguístico de pluriculturalidade surgindo assim, uma língua híbrida com características de ambas as línguas em contato, em que a língua do dominador (Portugal) seria a fonte lexicadora da língua e as demais línguas seriam fontes de estruturas e interferências fonéticas e fonológicas.

4º O elemento negativo no sintagma nominal

A presença do elemento negativo no sintagma nominal segue a mesma estrutura do (PB) que Careno (1993, p.123) define como um tipo de negação, na qual “o elemento negativo encontra-se no sintagma nominal, permitindo negação do verbo por força da ênfase que o falante dá a sua fala”.

23) *Ninguin kA fala nada nunka*²⁰ (AFCG35)

3.6.1 Variáveis extralinguísticas A variável etnia do falante guineense

No mundo todo, o fator étnico é tão relevante que, de acordo com Labov (1972), alguns dados chegam a ser até mais decisivos que a classe econômica a que o falante pertence. Para conceituar o termo etnia, utilizamos a definição de Barth (1969) que define um grupo étnico como uma população que perpetua por meios biológicos, compartilhando os mesmos valores culturais fundamentais, compondo um campo de comunicação e interação.

Portanto, em nossa pesquisa, temos três grupos étnicos principais que se distinguem pela variável localidade. Todavia, no país da Guiné Bissau, encontramos, de forma específica, alguns grupos étnicos da região que são citados por cada um de nossos informantes ao definirem sua identidade étnica na fala.

O campo linguístico Guineense é muito amplo e, de acordo com Intumbo (2007), existem hoje vinte e duas línguas, aproximadamente, que são distinguidas entre grupo Oeste Atlântico e Grupo Mande da família Niger Congo, essas línguas constituem o substrato do crioulo da Guiné Bissau, por isso, consideramos relevante estudar sua implicação na variável concordância de número e gênero no (PVB).

A seguir mostramos um quadro das línguas faladas na Guiné Bissau, com base em Intumbo (2007).

²⁰ Feminino, 35 aos Guiné Bissau.

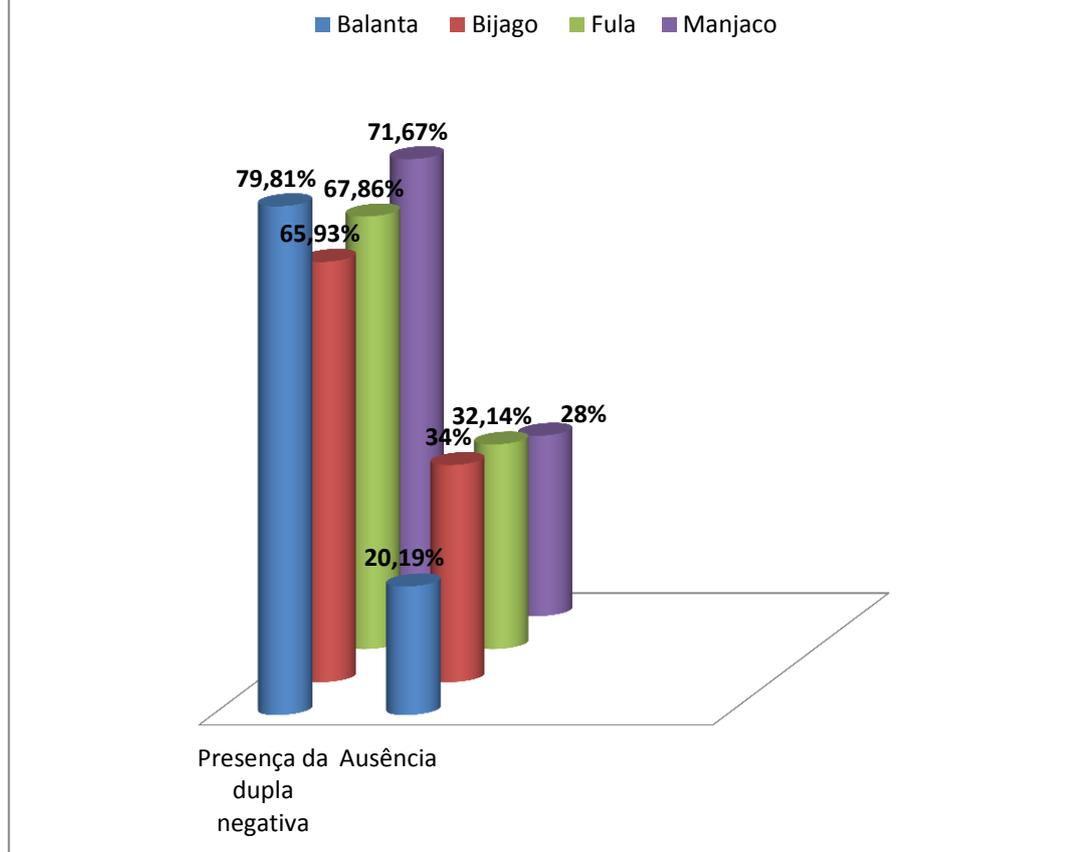
Quadro 6 – Das línguas e da população africanas da Guiné-Bissau

Línguas	População	Grupo
Balanta	254.000	Oeste atlântico (centro-norte)
Fula	169.000	Oeste atlântico (nordeste)
Manjaco	118.000	Oeste atlântico (noroeste)
Mandinga e	96.000	Mande
Papel	59.000	Oeste atlântico (norte)
Mancanha	25.000	Oeste atlântico (norte)
Biafada	18.000	Oeste atlântico (norte)
Padjadinca	5.000 – 12.000	Oeste atlântico (norte)
Bijagó	16.000	Oeste atlântico
Diola	15.000	Oeste atlântico (norte)
Mansonca	9.000	Oeste atlântico (norte-sul)
Baiote	5.000	Oeste atlântico (norte)
Banhum	5.000	Oeste atlântico (norte)
Nalu	5.000	Oeste atlântico (norte)
Sarakolé	2.000	Mande
Sussu	2.000	Mande
Kassanga	400	Oeste atlântico (norte)
Kobiana	300	Oeste atlântico (norte)
Djakanka - Mande	-	Mande
Maninka (?)	-	Mande

[adaptado de Grimes (1988, p. 240)] apud Intumbo (2007)

Em nossa pesquisa, com relação à língua (CG) temos a variável étnica aplicada a seis povos: Os balantas com maior número de falantes é a língua de maior influência no substrato do (CG). Os fulas constituindo a população islâmica em vários países da África ocidental, sendo a segunda maior etnia da Guiné Bissau; Manjacos, Mancanhas e Geba que estão para Portugal e França, pois a região onde moram privilegia esse contato, Já os Bijágos vivem nas vinte sete ilhas que são consideradas reserva da biosfera pela UNESCO.

Gráfico 6 – Distribuição da dupla negativa de acordo com a etnia de falante Guineense



Ao observar o gráfico 6, verificamos que a presença da dupla negativa é fato em todas as etnias dos falantes do (CG) e tem ocorrência maior que 50%. É importante salientar que a língua Balanta é a maior contribuinte no substrato do (CG). Portanto, constitui-se uma mudança no mecanismo de negação na língua crioula o uso da dupla negativa.

A intenção nesse estudo descritivo é uni-lo aos trabalhos de Tarallo (1993) que apontam as diferenças morfossintáticas do português brasileiro e do europeu, e afirmam que essas mudanças acarretaram o surgimento de uma nova gramática da língua brasileira. Acontecimentos reacenderam as discussões linguísticas sobre a possível origem crioula em Guy (1981), Baxter & Luchesi (1997), Holm (1987) e outros estudiosos.

Essa hipótese crioula está ligada a questões sócio-históricas brasileiras da presença dos escravos africanos no Brasil e, sendo assim, explicaria a formação do (PVB).

Petter (2008) ao analisar as diferenças existentes entre o português vernacular e o padrão, diz que distinções entre eles não estão relacionadas a uma evolução linguística natural, mas talvez a um continuum de um processo de criouliização ocorrido no passado.

Holm (1994), por outro lado, afirma que o consenso de que o (PVB) é um semicrioulo é crescente, pois seria resultado do contato prolongado entre uma língua crioula e outra não crioula.

Assim, o intuito desse estudo é somar a série de pesquisas realizadas por Luchesi, Baxter, Holm, Scherre e outros estudos que analisam o (PVB) sobre a perspectiva sociolinguística da variação e possível processo de crioulição da fala afro-brasileira.

Também temos a intenção de apontar a necessidade que há de reformulação dos mecanismos para a construção da negativa padrão, já que essa apresenta a diversidade e admite usos variados quanto a sua posição e elementos que a possam significar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Propusemo-nos a verificar os tipos de expressões idiomáticas negativas no português falado pelos habitantes da comunidade quilombola tia Eva, localizada no município de Campo Grande-MS e no crioulo da Guiné Bissau, fazendo uma demonstração comparativa, tomando por base para explicar o uso de variáveis sociais, tais como: gênero, idade, escolaridade e etnia do povo guineense. Foram trabalhadas três variáveis linguísticas, a saber: marca de pluralidade e o uso da flexão de gênero ou não no SN.

Os resultados comprovam que há variação na fala de fenômenos linguísticos na fala de homens e de mulheres, em que as mulheres fazem maior uso das formas padrão da marcação de plural, mas também utilizam variações, exceto em alguns casos que se justifica pelo contexto próprio de uso da língua.

Percebe-se que as variáveis sociais idade e gênero do falante estão correlacionadas, pois se supõe que a população mais jovem tem mais acesso às regras de uso da língua devido ao nível de escolarização mais alto, e assim projetam esse fator no português falado na comunidade quilombola pesquisada. Por outro lado, na Guiné Bissau constamos uma situação de mudança linguística, em que os falantes mais jovens distanciam a gramática do crioulo da língua colonial (padrão) e fazem maior uso das variedades de substrato, fator que pode evidenciar um novo processo linguístico no país.

Na variável etnia, que trabalhamos apenas na Guiné Bissau, identificamos qual etnia está mais próxima ao falar lusófono e atribuímos as causas das variações a aspectos sociais e gramaticais de cada povo pesquisado.

No que compete à variável localidade e forma de uso da concordância nominal no SN, a fala da comunidade afrorural da Comunidade tia Eva aproximou-se do crioulo guineense ao apresentar casos similares na marcação da dupla e até tripla negação. Portanto, esse estudo vem somar à série de pesquisas realizadas por Luchesi, Baxter, Holm, Scherre e outros que analisam o (PVB) sobre a perspectiva sociolinguística da variação e possível processo de crioulição na fala afro-brasileira, no entanto, percebemos que essas variações de concordância no SN ocorrem em menor escala, mas a presença delas não permite caracterizá-la como uma variação unicamente afrorural, e sim, que está mais relacionada ao contexto geral da formação do português brasileiro e às raízes históricas das línguas que influenciaram a sua formação linguístico-histórica.

Verifica-se que o uso do mecanismo do português falado no Brasil está internalizado na mente de seus falantes em função de aspectos linguísticos e sociais e essas variáveis encontradas são interpretadas, por diferentes estudiosos, como processo de descrioulização da língua, portanto, acreditamos que nossas hipóteses foram confirmadas, o que mostra que nosso estudo vai ao encontro de outros realizados na área, seja no português do Brasil tais como: Careno (1997), por exemplo, de modo especial na comunidade quilombola tia Eva ou no português falado em outros países, Intumbo (2007).

Assim, este estudo vem somar aos estudos realizados no Brasil na UFBA- Projeto Vertentes, que fundamenta suas pesquisas no processo de transmissão linguística irregular, afirmando que este pode levar até ao surgimento de uma nova língua, chamada *língua crioula*, ou produzir mudanças significativas na estrutura da língua dos dominadores. Esta hipótese é a que mais se aproxima de nossos dados, ajustando a história sociolinguística do Brasil, ou seja, esse contato do português brasileiro e as línguas africanas não chegou a produzir uma língua crioula estável (como nos países africanos), mas promoveu uma série de mudanças nas variedades da língua portuguesa falada no país, sobretudo nas camadas populares da zona rural.

REFERÊNCIAS

- AFROBRAS, Distribuição de negros em MS. Em: www2.afrobras.org.br, acesso em 10/ 2009.
- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística: parte I. In. MUSSALIM, F. & BENTES, A. C. (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____, Tânia; PETTER, Margarida. *Palavras da África no Brasil de ontem e de hoje*. In: FIORIN, José L.; PETTER, Margarida. *África no Brasil: a formação da Língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 145-178.
- AMARAL, Amadel. *O dialeto caipira*. São Paulo: HULCITEC, 1976.
- AMARAL FILHO, N. C. *Mídia e Quilombos na Amazônia. Relações Raciais no Brasil: pesquisas contemporâneas*. Org. Valter Roberto Silvério, Regina Pahim Pinto, Fúlvia Rosemberg. São Paulo: Contexto, 2011.
- ANDRADE, Patricia Ribeiro de. Um fragmento da constituição sócio-história do Português do Brasil: variação na concordância nominal de número em um dialeto afro-brasileiro. 2003. 146 f. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003.
- BAGNO, Marcos. *O preconceito linguístico, o que é como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- _____. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BARTH, F. *Ethnic Groups and Boundaries. The social organization of culture difference*. (A organização social da diferença cultural) Boston: Little Brown and Company, 1969.
- BAXTER, Alan Norman. e LUCCHESI, Dante A. relevância dos processos de pidginização e criouliização na formação da língua portuguesa no Brasil. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, 1997.
- BELINE, R. A variação Linguística. In: FIORIN, José Luís. *Introdução à linguística*. I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da teoria pós-colonial*. Maringá: Eduem, 2005.
- BONVINI, Emílio. “Línguas africanas e português falado no Brasil”. In: FIORIN, José Luís. e PETTER, Margarida. (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2008
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora?* Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BRASIL, Ministério Público Federal. Procuradoria Geral da Republica, 2 região. Territórios Quilombolas e Constituição: A ADI 3.239 e a Constitucionalidade do Decreto 4,887/03. Rio de Janeiro, 03 de março de 2008.
- BUENO, Elza Sabino da Silva. *Nós, a gente e o bóia-fria: uma abordagem sociolinguística*. São Paulo: Arte e Ciência/Dourados-MS: UEMS, 2003
- CARVALHO, Márcio Palácios de. *Fotografia sociolinguística das vogais médias em duas escolas na cidade de Bela Vista – MS/Fronteira Brasil-Paraguai*. Campo Grande – MS: UEMS, 2013. (Dissertação de Mestrado em Letras)
- CALLOU, Dinah et al. O Apagamento do R final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. DELTA. São Paulo, v.14, n. Especial, p. 61- 72, 1998.
- CALVET, John L. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMACHO, Roberto Gomes. Sociolinguística (parte II).In MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Cristhina. (orgs.) *Introdução a linguística I: Domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2001, p.49-75.
- CÂMARA, JR, Joaquim Matoso. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 36ª.ed. Petrópolis: Vozes, 2004[1970].
- CARENO, Mary Francisca do. *Vale do Ribeira – a hora e a vez das comunidades negras*. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.
- CARVALHO, Ana Maria. (org.). *Português em contato*. Madrid: Iberoamericana, 2009.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. *A diversidade das línguas africanas e as relações lingüísticas Brasil-África*. Salvador: UNEB (Seminário Atlântico Sul), 2003.
- _____. *Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Fundamental*. Salvador: Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 2005.
- COUTO, Hildo Honório do. *O crioulo português da Guiné Bissau*. Hamburg: Bruske, 1994.
- COELHO, Francisci Adolfo. *Os dialetos românicos ou neo-latinos na África, Ásia e América*. Boletim Soc. Geogr. Lisboa. Série 2, nº3, p. 1967.

- COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- DECAMP, David. Toward a Generative Analysis of a Post-Creole Speech Continuum. In *Pidginization and Creolization of Languages*, edited by Dell Hymes. Cambridge: Cambridge University Press, 1971.
- FERGUSON, Charles. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella V. e NEVES, Moema F. (orgs.). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.
- FIORIN, José Luís e PETTER, Margarida (orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009.
- FREITAS, D. Palmares – *A guerra dos escravos*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- GOMES, Flávio dos Santos. *A Hidra e os Pântanos. Mocambos, quilombos e comunidades de fugitivos no Brasil (séculos XVII-XIX)*. São Paulo: UNESP, 2005.
- GRANDA, German de. *Algunos rasgos morfosintácticos de posible origen "criollo" en el habla de áreas hispanoamericanas de población negra*. In: *Estudios lingüísticos hispánicos, afro-hispánicos y criollos*. Madrid: Gredos, 1988. p. 501-18.
- _____. Los esclavos dei Choco: suprocendência africana (siglo XV) y supossiblein cidência lingüística en el españoldeiárea. *Thesaurus: Boletín dei Institutocaroy cuervo*, Bogotá, v. 43, p. 65-80, jan./abr., 1988.
- GUY, Gregory *Linguistic Variation in Brazilian Portuguese: Aspects of Phonology, Syntax and Language History*. University of Pennsylvania 1981. (PhD dissertation)
- GRIMES, Barbara. *Ethnologue: Language of the world*. Summer Institute of Linguistics. DallasTX. 1988.
- HOLM, John. *Pidgins and Creoles v. 2* Cambridge: Cambridge University press, 1987.
- _____. Popular Brazilian portuguese: a semi-creole. In: D'ANDRADE, E. & KIHIM, A. *Colóquio sobre Crioulos de Base Lexical Portuguesa*. Lisboa: Colibri. 1991.
- INEC, Instituto Nacional de Estatísticas e Censo 2002.
- INTUMBO, Incanha. *Estudo Comparativo da morfossintaxe do Crioulo Guineense, do balanta e do português*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007. [Dissertação de Mestrado em Linguística Descritiva].
- Kihim, Alain. *Kriyol Syntax: the portuguese-based creole language of Guinea-Bissau*. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins.1994.
- LABOV, William. *Modelos sociolinguísticos*. Madrid: Cátedra, 1972.

- _____. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.
- LIMA, Mônica. A África na sala de aula. In: Nossa História. n° Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2004. p. 84-87.
- LOPES, N. Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana. Rio de Janeiro, Selo Negro, 2004, 720 p.
- LUCHESE, Dante. *A questão da formação do português popular do Brasil*: notícia de um estudo de caso. A Cor das Letras. Feira de Santana, 1999.
- MARQUES, Irene Guerra. *Algumas considerações sobre a problemática linguística em Angola*. Instituto de cultura e língua portuguesa ed. Actas do congresso sobre a situação da língua portuguesa no mundo. Lisboa, 1983.
- MATOS, Eliane; ITO, Silvia Kazue; LOBO, Sylvia R. Vasconcelos. Monografia (Comunidade São Benedito – Tia Eva) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande – MS, 1998.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MENDONÇA, Renato. *A Influência Africana no Português do Brasil*. 4.ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/ INL, 1973.
- MOLLICA, Maria Cecília e BRAGA, Maria Luísa. (orgs.). *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- MUNANGA, K. *Povo Negro. Origem e histórico do quilombo na África*. Revista USP. SP (28). Dez./95, jan/96.
- NASCIMENTO, Antonio. *Quilombismo*. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1980.
- NARO, Anthony. Idade. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro, 1994.
- PACHECO, Cintia Silva da. *Padrões sociolinguísticos da Concordância de gênero na baixada cuiabana*. Universidade de Brasília-Brasília: UNB, 2010. (Dissertação de Mestrado)
- PAIVA, Maria da C. Sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- PAPIA – Revista de Crioulos de base Ibérica. V. 3, n° 2. Brasília: Thesarus, 1994. (Departamento de Linguística da Universidade de Brasília).

PETTER, Margarida Maria Tarddoni. *Variedades linguísticas em contato: Português Angolano, Português Brasileiro e Português Moçambicano*. Universidade de São Paulo: USP, 2008. (Tese Doutorado)

_____. Margarida Maria Tarddoni. Uma hipótese explicativa do contato entre o português e as línguas africanas. *Revista Papia*, vol. 17, 2007. p. 09-19. Disponível em: <http://abecs.net/ojs/index.php/papia/article/viewFile/6/pdf>. Último acesso em: 10 jun/ 2013

PRETI, Dino. *Sociolinguística: Os níveis de fala*. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. Transformações do fenômeno sociolinguístico da gíria. *Revista da Anpoll*, n. 9, p. 213-226, Jul./Dez. 2000.

RAIMUNDO, Jacques. *O Elemento Negro Afro-brasileiro na Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.

RIBEIRO, João. *Diccionario grammatical*. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Clássica/Francisco Alves, 1897.

RIBEIRO, Manuel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Metáfora, 2009.

ROUGÉ, Jeune Le. Uma hipótese sobre a formação do crioulo da Guiné Bissau. *Soronda* 2. p. 28-29. 1986.

SANTOS, C. A. B. P dos. Fiéis descendentes redes-irmandades no pós-abolição entre as comunidades negras rurais sul-mato-grossenses. UNB, Brasília, 2010. (Tese de Doutorado em Antropologia Social)

SAPIR, Edward. *Linguística como ciência*. [1921]. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

_____. *A linguagem – introdução ao estudo da fala*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 1989.

SCHERRE, Maria Pereira Marta. *Reanálise da concordância nominal em português*. Rio de Janeiro UFRJ, 1989. (Tese de doutorado)

_____. e NARO, Anthony. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In HORA, Demerval da. (org.). *Diversidade linguística do Brasil*. João Pessoa: Ideia. p. 93-114. 2007.

SILVA, Rosângela Villa da. *Aspectos da pronúncia do <S> em Corumbá – MS: uma abordagem sociolinguística*. Campo Grande – MS, Editora UFMS; São Paulo: Arte & Ciência, 2004.

SILVA NETO, Serafim. *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 3a ed. Rio de Janeiro, 1976.

TARÁBOLA, Aparecida de Souza. *Estratégias de resistências e manifestações culturais- uma forma de afirmação étnica- Quilombo de Ivaporunduva*, 2008. (Trabalho de conclusão de curso)

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática, 2007.

_______& ALKMIN, Tânia Maria. *Falares Crioulos*. Línguas em Contato. São Paulo: Ática, 1987.

_______& SCHERRE, Maria Pereira Marta. (orgs.). *Origens do português do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007.

VALKHOFF, Marius et al. *Miscelânea luso-africana*. Lisboa: Junta de Investigações Científicas de Ultramar, 1975.

VOTRE, Sebastian. *Escolaridade*. In: MOLLICA, Maria Cecília. *Introdução à sociolinguística variacionista*. Cadernos didáticos da UFRJ. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

WEGLARZ, Barbara, Hlibowicka. *Língua portuguesa: ultrapassar fronteiras, juntar culturas. O Aspecto em português e nos crioulos de base lexical portuguesa*. (alguns pontos divergentes entre os dois sistemas). Universidade de Évora. 2010.

Anexos

Anexo A - Ficha social do informante**1) A- Dados do Informante.**

Nome Completo _____

Apelido _____

Sexo ___ Idade ____ Estado Civil _____

Local de Nascimento _____

B - Grau de Instrução.

Analfabeto ()

Primário Incompleto ()

Primário Completo ()

Ensino Médio Incom.()

Ensino Médio Compl.()

C – Domicílio.

Há quando tempo você vive na comunidade (Comunidade tia Eva, Guiné Bissau)?
 _____ e você

veio de qual cidade e Estado? _____

2) Dados dos pais ou do Cônjuge.

Naturalidade do pai _____

Naturalidade da mãe _____

Naturalidade do Cônjuge _____

Profissão do pai _____

Profissão da mãe _____

Profissão do cônjuge _____

3) Dados do Inquérito.

Local da Entrevista _____

Data da Aplicação _____

Assinatura do Inquiridor _____

Duração do Inquérito _____

4) Outras observações importantes.**OBSERVAÇÕES:**

- 1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- 2- Números: transcrevem-se por extenso.
- 3- Não se usa ponto de exclamação.
- 4- Início de frase: usa-se letras minúscula.
- 5- Registram-se as pronúncia do e e do o como realmente são pronunciados.
- 6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.

(Adaptações Projeto NURC/SP) Prof Dr. Pedro Caruso

ANEXO B – Norma para transcrição das entrevistas

Ocorrências	Sinais	Exemplos
Incompreensão de palavras ou segmentos	()	num vortava mai num tinha dinheru () i a genti guentô
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	us mininu tãu aí... um trabaia de motoris otu (trabaia) pur conta
Trucamento de palavras	/	i quanu mesmu era PA nós ca/nóis da us nomi
Entonação enfática	Maiúscula	trabaiei aTÉ casá
Prolongamento de vogais e/ou consoantes	:: ou :::	u donu mesmu era:::: isqueci u nomi deli...ah::::achu qui é antonhu
Silabação	- - -	a genti cresceu me-dron-ta-du dus pais
Interrogação	?	pu cê vê comu era u pessoar di antigo pra agora né?
Comentários do transcritor	((minúscula))	((risos))
Comentário que quebra a sequência da exposição do tema	- - - -	a genti – nói somu crenti - - a genti si viu i gosto
Sobreposição de vozes ou entrada indevida	[A. pra::: ficá lisinhu B. [a pu chãu ficá.. A. [parei B. pareinhu pa prantá

OBSERVAÇÕES:

- 1- Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou siglas.
- 2- Números: transcrevem-se por extenso.
- 3- Não se usa ponto de exclamação.
- 4- Início de frase: usam-se letra minúscula.
- 5- Registram-se as pronúncias do e e do o como realmente são pronunciados.
- 6- Nada se corrige na transcrição do texto gravado.

(Adaptações Projeto NURC/SP) Prof. Pedro Caruso

ANEXO C – Entrevista com informante do gênero feminino da comunidade quilombola tia Eva

TIPO DE INQUÉRITO: Did

DADE: 39 anos

INFORMANTE: A.FESCOL: analfabeta

EST. CIVIL: casada

LOCAL DE NASCIMENTO: Campo Grande

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 10/12/2013

DATA DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: 05/01/2013

INQ. Estamos aki conversando com uma entrevistada é... gostaria que a senhora contasse um poko sobri ... a infância da senhora .. como foi a infância da senhora foi uma infância é tranquila foi uma infância com muitas dificuldades ? Como foi a infância da senhora ?

INF. Oía foi uma infança bem tranqueira tivemos várias dificuldade que mora lá na roça né num tinha aquelaaa vida ki hoje tem puque hoje falu pos meus fió vocês agradece a Deus que a gente nunca teve assim o ki vocês tem hoje puque chinelu era dum par dum par du otro, pá leva um mochila na escola era saku di di arroz, o saku di açuca era assim ki era u a rotina (fala de um terceiro não compreendida) aí é hoje.

INQ. A senhora conseguiu estuda assim até que série a senhora ...?

INF. até o quinto. Aí parei. Parei praquê depois veio us guri.

INQ. Até o quinto aí a senhora parou... A senhora engravidô humm...

INQ. E como era assim a infância, quais são as memórias que a senhora tem com relação as brincadeiras o qui que era brincavam qual era as brincadeiras daqueli ...

INF. Nós gostava muito de brincáde queimada.

INQ. Queimada ?

INF. hã..na escola era o jogu preferido.

INQ: Tem mais alguma otracoisa assim ? ou...

INF. Jogar baraió, iscondi – iscondi (risos)

INQ. Humm...

INF. Tem uma coisa também que eu adorava i adoru até hoje é participa di igreja é da minha missão achu qui é essa di igreja.

INQ. igreja de qui igreja a senhora participava?

INF. lá di lá mesmo... lá ondi qui é mesmo igreja católica num sou evangélica sou católica

INQ. Que que vcs faziam assim na igreja?

INF. Rezava terço, fazia novena, participava das missas dava catequese.

INQ. A senhora é devota de algum santo especifico ou... ?

INF. A minha devota é nossa senhora das graças.

INQ. É ... Com relação a... a... depois a adolescência aqui da senhora o qui que a senhora lembrá? No períodu qui a senhora conheceu o maridu ... como foi assim a história di amor di vocês ?

INF. Viche Maria!!! (risos)

INQ. Ou asinhora teve varias historias di amor?

INF. Não... só tivi uma história só... Uma história que acabo em casamento.

INQ. É... e Como foi?

INF. Eranamoru di escola.

INQ. É... e Como foi assim?

INF. Mandanu cartinha um po outro.

INQ. É...

INF. A gente si conheceu assim

INQ. Aí... a senhora casou, foi morar junto?

INF. Não, vim pra cá pra cidade... pátrabalhá... aí depois a genti foi mora junto aí depois qui teve dois fió aí qui a genti foi casá na igreja.

INQ. Hum...teve dois filhos aí cês foram casá... hum.

INQ. E os filhos hoje da senhora comu ... quantus filhos a sinhora tem?

INF. Tenho três filhos.

INQ. Quantos mininu? Minina?

INF. Tenhu dois mininu e uma minina.... tenhu um qui é especial e dois é normal.

INQ. A senhora tem filhos com necessidades especiais...

INF. Tenhu ...

INQ. Qual o tipo de necessidade especiais?

INF. Autismo.

INQ. Ah... sim ele é autista..

INF. Leve mais tem...

INQ. È mais ele faz algum tratamento já?

INF. Faiz...

INQ. Já ta fazenu desde criança, já faz ?

INF. Desdi criança....

INQ. Eli tem quantus anos?

INF. Dizesseis anos....

INQ. Aí o otro tem?

INF. Aí o outro tá cum treze i a minina cum quinze

INQ. Há tão tudo grandinho já, não tem mais ninguém pra dá trabalho. Hum .. deixa eu vê..

A senhora assim com relação a família da senhora.. os avôs ...é pais a senhora tem alguma lembrança assim da mãe ?

INF. Nossa eu tenhu muita lembrança do meu pai

INQ. É du pai, foi uma pessoa qui marcô

INF. É marco muito porque o qui ele ensinoa genti , a genti pelo meno eu to pondo em pratica o qui eli pidiu pá genti fazé né? ...

INQ. Hum...

INF. E a minha mãe num é muito di tá participando da igreja não, já raras veze ela participa, mas o meu pai já era mais... eli qui puxava a genti pra í ele era rezador de terçue tudu mundo chamava eli pá ir pá i reza terçu, sempri eu qui acompanhava eli, eu morava junto cum elis né, i marco muito issu daí qui eli deixô ... muito assim.

INQ. Eli já faleceu? A sua mãe ainda...

INF. Ela tá viva

INQ. E questão assim di por exemplu aqui é a comunidade, por exemplu nos observamus qui tem essa questão da religião por exemplu: a igreja que foi fundada, e tudo isso a senhora acha que contribui de alguma forma nu na crença hoje qui a senhora tem?

INF. Contribui muito qui a genti senti muito porque a maiuria aqui são todos descendentes

INQ. Hum... Hum..

INF. E a avó num era assim, ela é católica

INQ. Hum...

INF. E todos descendentes tão assim .. a maioria tão mudano

INQ. Há sim...

INF. Agora os otros tão mantenu pruque toda terça a genti abre a igreja reza u terçu, so qui precisa mais pra quem que é descendente só qui se puxá a raiz dela tinha qui tá juntu nu mesmo lugá que ela construiu

INQ. Manté a cultura né?....

INF. Mantê a cultura né?...

INQ. É então é isso... brigada pela intrevista, qui a sinhura continue nessa fé, nessa crença aí (risos) Há muito obrigada viu...

INF. De nada

ANEXO D - Entrevista com informante do gênero masculino da comunidade quilombola tia Eva

TIPO DE INQUÉRITO: Did (diálogo entre informante e documentador)

INFORMANTE: A. B

IDADE: 29 anos

ESTADO CIVIL: solteiro

SEXO/GÊNERO: Masculino

LOCAL DE NASCIMENTO: Campo Grande

NÍVE DE ESCOLARIDADE: Alfabetizado

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 15/12/2013

DATA DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: 15/01/2014

INQ. Cum relação a infância assim qui qui o senhor lembra assim da infância? Como foi a sua infância? Foi uma infância difícil foi uma infância fácil ? Como foi a sua infância ?

INF. A minha infância foi... fala a verdade foi pelo menos pokin mais fácil porque pelo menos meus irmão pegou umas infância assim um pokin mais cumpricada porque assim, trabalharam bastante assim na roça trabaiaram bastante mas a partir di mim assim já peguei ma infança um pokin já mais fácil já

INQ. Tranquilo .. hum mais tranquilo...

INQ. Lembra das brincadeira, quais eram as principais brincadeiras qui tinha aqui na comunidade qui qui vcs brincavam?

INF. Brincadeira qui eu lembro lá é nós gostava de brincá na naqueli balanço lá que ...era uma taboa de viga no balanço lá um ficava na ponta e otro nootro

INQ. Gangorra? gangorra?

INF. Tipu gangorra éexatamenti aqueli ... aqueli também ... pega- pega, queimada também era umas brincadeira qui nois fazia lá i joga nós jogava futebol também lá qui essa daí é uma tradição qui nois praticamente nós num deixo di fazê até hoji

INQ. Hum... hum ...

INF. É Tipu um DNA dus brasileiro né?...

INQ. É verdade

INQ. I a adolescência como foi? Como foi a adolescência? Ondi você estudo? Como foi seu tempo da escola era muito difícil? Como qui era?

INF. O meu tempu da escola era bastanti tranquloera lá na escola estadual Zumbi dos Palmares aí conclui meus estudo aqui na Antonio Delfino Pereira e a partir de 2003 que eu mudei pra cá finalzin de dois mil e dois para 2003 aí eu conclui aqui na na Escola Estadual Antonio Delfino Pereira

INQ. Até qui série cê estudô?

INF. O ensino meu completo

INQ. Hum... Com relação a vida amorosa? Muito namorador? Casou? Tem filho? Não tem filho? Como qui é?

INF. (risos) Tudo bem graças a Deus por enquanto to solteiru ainda, num sou namorador não graças a Deus né por enquanto to solteiru ainda, mas nois tá ai nois ta na luta a procura alguma coisa ainda

INQ. Com relação a memoria qui qui o senhor lembra assim dos seus pais, é dos seus avós, coisas qui marcaram a sua vida com relação a memoria o qui traz em sua memoria, lembranças,coisas boas, lembranças ruins?

INF. Oia meu avô a minha avó memo eu praticamente eu num cheguei assim a conhece não, mas só qui do meu pai minha mãe, minha mãe ainda meu pai já faleceu já minha mãe ainda é viva, só qui eu lembro bastante delis ainda principarmente do meu pai qui já faleceu mas só qui nós praticamente ligadu um cum otro praticamente tranqulo ainda hum hum ainda lembro dele bastante ainda té hoje

INQ. Tem bastante lembrança qui qui marcou assim a sua vida, algum ensinamento? Algum ensinamento assim qui ele deixô, marcou assim?

INF. Os conseios qui eli me davam né em matéria assim de anda com más companhias essas coisas assim negocio di fazé coisa errada e os conseios que eli dava, graças a Deus us conseios que eli mi deu té hoje, graças a Deus tem qui agradece á elis, só eli memo os conseios que eli mi deu se eli num tivesse mim dado conseio eu num sei se eu num tivesse dado os conseio qui ele deu. (Intermediário: O seu pai era muito rígido, era a cabeça da família) Era o cabeça da ti (qui estava com a genti) (Eli conversava com a genti ,brincava, as minha irmã memu vai fazé vinti seis anu di

serviçu qui trabaia numa casa só i a outra vai faze dizesseis anos qui trabaia na mesma família...)

INQ. O senhor sofreu algum trauma? Alguma coisa na sua vida, traumas, sofreu algum acidente? Teve um trauma na sua vida, alguma doença na família que traz uma memória ruim?

INF. Por enquanto que eu to lembrado ainda não, não que eu to lembrado ainda não. Nenhum

INQ. Nenhum trauma, tudu tranquilu então

INF. Bastanti (.....)exatamente i si passasse assim no meio pelo menos, era aqueli dizer se o mais veio ta conversanu aqui o mais veio, num tinha qui fica assim nu meu da conversa dus adulto

INF. E você conseguiu continuar essa cultura? Pelo menos a educação qui ele mi deu graças a Deus assim hoje pelo menos pra mim a questão de respeito se num é pra si chegar...

ANEXO E - Entrevista com informante do gênero feminino da Guiné Bissau

TIPO DE INQUÉRITO: Did (diálogo entre informante e documentador)

INFORMANTE : P. A

SEXO/GÊNERO: Masculino

IDADE: 35

ESTADO CIVIL: solteiro

LOCAL DE NASCIMENTO: Arquipélago dos Bijagós Guiné Bissau

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Primário Completo

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 15/08/2010

DATA DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: 18/08/2010

INF. Quando eraba meninu gostaba tanto de brinkdera di imita badju di kahoha ki gentis faziba na tabanca pabia a mim porque a mim lanta na tabanca trabadjaba siempre em Konohan ...

INQ. Um brinkdera ki u gostaba dela til?

INF. () Ki mas gostaba dela til na escola tambi ki tempu no teneba escola mas so ki eraba só apoio morale de individuo próprio cultura ki gentis tene e eraba uma cosa ki kumsa entra na kel comunidad cosa de escola ki gentis demoraba ka muito pra pircibi si importância i ta falaba pra siempre N ta bai as vezes N kata bai outra hora no ta ta bai suma kusa de mininice ma no N misti ki bai estuda N bai escola também kA ta paga nada na escola i kA teneba interesse tal ki pidi no kosa por exemplo material di pudi paga e ta obi e cala e kosa propri ki muito interessante e ka sibi ki La i ke? Um cosa combina nota kumae el si e si importância ka ta paga ma fala pa no bai i ta apóia so moral pa no bai escola suma gentis e tudo mininu ka bai...

INQ. E em termo de aproveitamento O kosa La empenho de alunos kuma ki seduba na ki tempu?

INF. Ki tempu e temba aproveitamentu ,temba aproveitamentu di minunus pabia N ta aproveita N ta prendi e tene aproveitamento só ki um cosa pabia um cosa pabia N oja lá N ka chega de oja e lebal pa ki La N no misti N no misti so ki tipo de brinkadera di minunu no consegui no misti bai outro hora mas si no bai no ta sem cabeça num ta aproveta agos

INQ. Bo Quanto a festa popular festa popular ki u conheci ki ki mas gosta? Bu pudi fala dela um bucadinho

INF. Festa popular la N ta obi fala di... carnaval mesmo N ka participa na cidade naquel festivo de carnaval N ta fazi na tabanka festa ki U mas gosta dela pabia i festa ki N ta oja gentis ta bin vestido da manera ki misti ki lá ki é festa proprio ki u ma gosta dela N ta brinka próprio na tabanka mesmo manera ki gentis fazi na cidade mas N ta tabanca tambi faziba ta bim fazi kosa La na tabanka ate Bin garande N Bin Busca manera de supera estudo

INQ. Bo kanto namoro suma namoro, noivado, casamento kuma ki seduba ? ki tempu mas o menos

INF. Ki tempu i eraba kosa bunito, é bunito ba bunito i cada coisa tene si tempo e muito bunito naquel tempu pabia i ka ta tenba tambi exigência til outra hora bu ta ta misti oja badjuda e so ta jubi otra hora u ta fazi manga di tempu o ka oja i ka fazedo nada i ka suma aquel tempu ki tudo hora misti si próprio badjuda da atenção pa bo rapaz mas N sempre ta N ta jubi bo encontra bo brinka kal oto tempu i ka agos bu pudi faze manga di tempu no ta jubi ki La ki problema bo ta poe sentido

INQ. Família família mais ou menos bo ta fala de bu família mais ou menos família em geral

INF. Ñ família... ñ família suma a tene famílias suma a por exemplo a mim mas nos eraba cuatro N mame infelizmente bin morre mas a nos... nos ta consegui consolida um com otro nos ta consegui consolida um com otro suma a maneira que nos mama nos mama um com outro nos gosta um do outro geralmente si senta N i ka pudi senta ta pensa neles assim pensa ki ta fazi ñ família nos talvez um outro cosa u ka pudi fala mas questão de família N tene respeito um com otro N ta sinti próprio manera que a nos é ermom (entendi que amor , família é amizade) enti hunn pabia di que amizade próprio e senti é amor na família assim ki u ta sinti elis próprio si N ka está ou riba i ta corre na em mim e senti Kuma estaba N pensa siempre

INQ. E saúdebo fala de saúde um bucadinho saúde pronto na tabanka suma a ñ família tambi...

INF. Saúde esta sempre normal questao de saúde esta sempre normal nos suma ta adoecei questão de saude ta normal de acordo ki N ta bibi na tabanka i tem kanseira i tem kanseira ki la i ka pudi fartar pabia na tabanka sempri questao de saúde N esta mais ou menos U ka pudi fala N ka misti passa manera ki N esta U ka misti dexa manera ki N esta mistiba tene mais saúde

INQ. Si, I si algum bias Bu chega di passa um perigo na vida da kel cuase bo estaba pensa kuma ki bu vida pudi kaba por exemplo U passa por algum cosa bu pudi fala dele um bucadinho

INF. N passa perigos U pasaaté N lembra um bias ki no ta (não entendi) na tabanka manchado próprio i cheio de ferida na pé N bai e ta leba kamba pa Bubaque e bai interna na hospital ate osso proprio i ñ dedo di pé ki la panhaba i panhaba mar esse i dipuis ki La kaba i bai si até probio trabajo bai si controlando pabia daquel lá oi N tabanka i ka pudi subi Parmeira Bin cai um bias da parmeira U cai no oja ki N bai corda i felizmente um fola só U ka panha () um corri na parmeira no oja na chom kiora ki na Bin chega na metade corda acapar e Bin cai um ka fasi nada corpo so fola e assim e depos um foga tambi, foga oja ki na genti papia til N badja N badja i temba um regro ki bim morri na N tabanka suma gentis fala bai busca ki otros regros pa bim sisti enterro N bai La ventu demais hora ki N sai ventu Bin lanta hora ki N sai ki canoa pekiniñu de remu N pudii suporta i foga La ma niniguem ka murri ma N kansa o mar próprio ta arrasatar nos até gentis bim panha N e assim esses cosa q ñ passa na ñ vida

INQ. Obrigadu Bo

ANEXO F - Entrevista com informante do gênero feminino da Guiné Bissau

TIPO DE INQUÉRITO: Did (diálogo entre informante e documentador)

INFORMANTE: A. S.

ESTADO CIVIL: solteira

LOCAL DE NASCIMENTO: Bissau

IDADE/GÊNERO: 45 ANOS

SEXO/GÊNERO: feminino

NÍVEL DE ESCOLARIDADE: Analfabeta

DATA DE REALIZAÇÃO DA ENTREVISTA: 16/08/2010

DATA DE TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA: 25/08/2010

INQ. Kuma Ki bu nome ?

INF. Ñ nome é Amélia Antoniada Silva

INQ. Bu pudi conta kuma ki Bu brinka bu minineira?

INF. Na mininera brinka bunituhora ki U mistiba sai ñ grandes ta fala pera mas i ta ta fugi i brinka ate ki U farta U ta toma Po U ta kumpo direcho suma a pekadur mas ñ mame bim e kaba de descubri ki La i pega na kama te ki bu mame (risos) Bin descubri Até ki Bin prenha de mi primero marido U bim prenha Kum dezeito año

INQ. Bu casa?

INF. Dezenove U casaotro hora N ta fala bai Djubi novela ñ mame Bai fala bai ma i ka tene manera di kumpo Kama cama esse manera ki U ta tici porta ku um arame pa Bin djunta kel arame farpado N ta oja i tal anta i ta oja ki La pa Bin toma ropa e U bisti e ki La ta lanta cedu . Mi mameBin lanta e djubi e fala kuma a mim i Kana bai nenhum kau pa u tici so kem u prenha N kinta pa niniguem e papia ke ki u misti papia papia i kaba logo esta libre ñ vontade

INQ. Escola bu teve oportunidade di estuda o bu teve algum dificultadede vida U Ka estuda?

INF. U estuda estuda primera, segunda, terceira, quarta, quinta, sexta e U passa pa sétima ka estuda já nan mas u ta djubi u ka misti estudá ...

INQ. Ma o kume ki sedu pabia tene algum dificuldade de manera ki o bin prenha?

INF. Sim manera ki Bin prenha bin desisti já nan ...

INQ. Mas agos suma ki tempu ki estuba agos tene amigos ki na estudaba Kuma eraba ki ensino de ki tempu mkum e tempu

INF. Ensino do ki tempué muito mais mejor ki e tempu porque a mim estuda na escola já nan pré a quarta i bai pa ciudad i ka teneba bilhete i tene nem bilhete e ñ pape pui I ka sibi i Bin toma bilhete di ñ gêmea por pin ñ gemea uma vez na escola chamal uma (...) bom anos agora di ondi ki u tiral bai pa ciudad i agora ki ki nona fazi nona toma si bilhete i entregal Oja ki na entregal ta djubi oja ki Bin chama nome agora ke cursa olha e fala nau e oja i fala kuma ki é Bu na gêmea? Antes gêmea ñ bilhete ka ka esta nakel momentu i ka pudi tira u teneba já nan U repeti quarta , ma Oja ki tempu Ku na estudaba U estuda sem problema

INQ. Mas agora Kuma ki kosas ta ianda?

INF. O ensino de gosi si u ka estudaba ka conseguiba ki escola escola é um bocado dificile U bota riso Kabeça suma a mim exemplo riso cabeça, riso cabeça um bocado e si não i ka bai U pudi fala até ki pudi kaba ma bai mal na escola

INQ. Festas populares N festas tradicionais Kal ke U mas gosta del ka ki U ta aprecia?

INF. Festa ki u mas gosta del é suma karnaval ka tem , festa simples ka tem gasto, ka tem nada ki ki bu comprá bu cume si U misti () si u ka misti u Kane deta na farta festa simples so mas ki nos guineense nos ka misti mostra porque a mim bai ano antes de mim pari nam próprio N bai passa festa na kau de ñ dona na na citi érmon di ermom di mame di nhá pape i ta fazi festa di natar simplis U cose pisci, bagre cumida de Kia dia normar i ka mostra i ka kuma anos N ta gasta gasta u gasta na Bissau Si u ka gasta u fala tambiU coitadi festa i ka ta chega Nadi i ka ta pudi oja abo sibi kosa di Bissau kuma

INQ. Abo bu ka tene omi teni?

INF. Omi ka teni, Omi farta ka tene

INQ. U familia agora kuma ke ta consegui tize?

INF. Ñ mame esta in bida, ñ ermon está in Bida A mim ta pidi tudu dia pa Deus pa ñ vida i saúde por ñ ermons ajudal , antes di ñ omi morriba N ta djubi ke ki u tene N oja kome e no ta da se e dá aos amanha U tene da bu bim suma agos i ka tene jeito ka tem ñ érmons ta djuda ñ fios ñ ermon ta fazi tudo vontade el ki mandal ke ki u ke U fala nada ajuda ke bai, Ma N ta fazi sumo misti calcinha compra chinelo compra , se misti Kumpu cabelo Bai kumpu , ñ ermon tene si cabeça teni si fio e tene si mame ta dal N tudo ki La i ka normal

INQ. Saude agora u ka teve nenhum problema

INF. U ka tene nenhum problema de saúde

Esses tempo si ma kosas passadas Ma uma me N né suma a oja kebai tene fijo normar korpo cansa um bocado pesadu suma e dia ki prenha korpo peso.....ku el i ta senti si um bocado mas um minjer ñ mame fala kum el e sinti tal ki bin firma

INQ. Nunka U ka passa pa um perigo de vida u fica kum medi di Bin morre u fala é fica fica di mistiba pa morri

INF. U passa um Bin doci um año atrás em kal de ñ mãe próprio kabeça kabeça i na dein kabeça i ka lanta mas U ka ta usa carga a distancia kabeça i a deian um baixa e escuta U passa cuarenta e cinco dias na hospital U passa u passaba cedu isto i diñero ka tem i diñero ka tem e era um kosa só fica li te quinze dias de viagem mi mãe u fala pa gentis na sai i no cumula te Bin toma no e leba pa fora... mas ñ parentes finca kum nos te mas a nos parentes a Bin Bin mas ñ pape fica ele so kum me codé udi se bai i na cume na kau di colegas i misti kume i ta bai cose U fala n bai Bin cume paia jessika na mama um bias kum ñ pape seria próprio u sedu fraco nakele trabajo u bai te fera i diñero ta bim compra pisci I bai fazi ñ compra ñ pape fala kuma medi I ñ fala tudo di bem já

INQ. Obrigadu bo

INF. Ikanada

Anexo G - Foto do neto de tia Eva, durante a coleta dos dados linguístico-históricos descritos nesta pesquisa que trata do falar rural afrodescendente da comunidade quilombola tia Eva

